

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLMOUCI  
FILOZOFICKÁ FAKULTA

**Katedra romanistiky**

**A LITERATURA CABO-VERDIANA: OS CONTOS DE FADAS**

BAKALÁŘSKÁ PRÁCE

Kateřina Sobková

Vedoucí práce:

Mgr. Kateřina Ritterová, Ph.D.

Olomouc 2014

### **Čestné prohlášení**

Prohlašuji, že jsem bakalářskou práci vypracovala samostatně a uvedla všechny použité zdroje.

V Olomouci, dne.....

.....  
*podpis*

**Poděkování:**

Ráda bych poděkovala Mgr. Kateřině Ritterové, Ph.D. za odborné vedení mé bakalářské práce.

## Índice

<b>Introdução.....</b>	<b>6</b>
<b>1 Contexto geográfico, histórico e sociocultural.....</b>	<b>8</b>
<b>1.1 Introdução à problemática.....</b>	<b>8</b>
<b>1.2 História .....</b>	<b>9</b>
<b>2 Literatura .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa .....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 Desenvolvimento da literatura cabo-verdiana .....</b>	<b>13</b>
2.2.1 Antes da Claridade – Literatura colonial até a consciencialização .....	13
2.2.2 Depois da revista Claridade .....	15
<b>2.3 Mulheres cabo-verdianas .....</b>	<b>17</b>
<b>2.4 Literatura infantil.....</b>	<b>21</b>
<b>3 Exemplos da literatura infantil e a sua análise literária .....</b>	<b>23</b>
<b>3.1 A Tartaruguinha.....</b>	<b>24</b>
<b>3.2 A Cruz do Rufino .....</b>	<b>26</b>
<b>3.3 Saaraci, o Último Gafanhoto do Deserto .....</b>	<b>28</b>
<b>4 Traduções .....</b>	<b>30</b>
<b>4.1 A Tartaruguinha.....</b>	<b>30</b>
<b>4.2 A Cruz do Rufino .....</b>	<b>39</b>
<b>4.3 Saaraci, o Último Gafanhoto do Deserto .....</b>	<b>44</b>
<b>Conclusão .....</b>	<b>53</b>
<b>Resumé.....</b>	<b>55</b>
<b>Summary .....</b>	<b>56</b>
<b>Anotace .....</b>	<b>57</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>58</b>
<b>Apêndice.....</b>	<b>61</b>

## Introdução

A literatura cabo-verdiana pertence às literaturas de expressão portuguesa, mas difere-se dos outros países africanos lusófonos pelos vários fatores relacionados com acontecimentos históricos e também pela natureza geográfica das ilhas. Este ambiente característico possibilitou a formação da literatura específica, que sem dúvida possui alta qualidade e deveria ser espalhada para além das fronteiras do mundo lusófono.

Infelizmente o português, que é a língua oficial de Cabo Verde, limita a expansão da literatura cabo-verdiana entre um público leitor mais variado e extenso. Por isso queria dedicar este trabalho à pesquisa no campo da literatura cabo-verdiana enfatizando a literatura contemporânea, que é marcada pela produção feminina. Através dos exemplos de contos de fadas na forma das traduções para a língua checa queria fazer uma visita à literatura feminina nos dias de hoje e apresentar o gênero de contos de fadas que tem sido muito popular no arquipélago desde os anos noventa.

O trabalho será organizado em quatro partes principais. No início será necessário familiarizar o leitor com o contexto histórico, geográfico e sociocultural. Sem o certo conhecimento do ambiente em que se a literatura desenvolvia, não seria possível compreender a sua natureza específica.

No segundo capítulo demarcaremos a literatura cabo-verdiana por dentro das outras literaturas da África Lusófona. De seguida falaremos sobre os primórdios da literatura no período colonial e o desenvolvimento da literatura até o século XX. Interessar-nos-emos em particular pelo processo da consciencialização nacional, que é ligada ao período da Claridade, a revista crucial para o processo da consciencialização.

A parte mais importante do segundo capítulo já especifica a literatura cabo-verdiana, a razão pelo qual se concentra na produção feminina no período pós-colonial e apresentaremos os contos de fadas e a sua origem. Falaremos sobre as raízes africanas que se juntaram com a cultura portuguesa e desta maneira possibilitou-se a criação dos contos de fadas específicos cabo-verdianos. Além disso, os contos de fadas formam uma parte importante do folclore nacional e merecem ser captadas na forma escrita para que a herança cultural do povo cabo-verdiano seja preservada.<sup>1</sup>

Porém não analisaremos o gênero de conto de fadas, porque este tema já foi um objeto do trabalho da Barbora Mikušová<sup>2</sup>, que se dedicou à teoria dos contos de fadas no geral, aplicando-a na

---

<sup>1</sup>RIBEIRO, Orquidea Moreira: *Folclore de Cabo Verde entre continentes: Elsie Clews Parsons e a tradição oral cabo-verdiana*; Revista de Letras, Vol. 5, No. 2, 2012.

(<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewArticle/3856>); consult. em 05. 03. 2014

<sup>2</sup>Mikušová, Barbora: *Os contos de fadas cabo-verdianos*; Olomouc, 2004.

análise de três contos de fadas da autoria cabo-verdiana. No nosso caso, os contos de fadas irão servir somente para dar um exemplo da literatura cabo-verdiana.

No terceiro capítulo dedicaremos à interpretação dos três contos de fadas e tentaremos destacar os traços e elementos em cada conto, que o liga ao espaço cabo-verdiano.

O último capítulo compreende a tradução de três contos de fadas para a língua checa. Trata-se de *A Tartaruginha* de Orlanda Amarílis, *A Cruz do Rufino* de Fátima Bettencurt e *Saaraci*, *O Último Gafanhoto do Deserto* escrito e ilustrado por Luísa Queirós. Esta parte do nosso trabalho servirá para apresentar a literatura menos conhecida aos leitores checos interessados nas culturas diferentes e exóticas, como Cabo Verde sem dúvida tem.

# 1 Contexto geográfico, histórico e sociocultural

## 1.1 Introdução à problemática

Para começar o trabalho é necessário descrever as características geográficas básicas, os acontecimentos históricos e o ambiente sociocultural, porque foram estes os fatores que influenciaram e determinaram a imagem e o desenvolvimento da literatura cabo-verdiana. O objetivo não será analisar profundamente a geografia e história mas enfatizar os fatos que mais influenciaram a literatura e que deram-na a natureza tão específica.

Cabo Verde é um arquipélago composto por dez ilhas de origem vulcânica no Oceano Atlântico, a 500 km da costa da África ocidental. Em destaque há a ilha Cabo Verde que deu nome ao arquipélago. As ilhas são divididas em dois grupos: Ilhas do Barlavento no norte e Ilhas do Sotavento no sul. A natureza montanhosa, pedregosa e árida é significativa em todas as ilhas excluindo poucos territórios de vales ribeirinhos, onde há vegetação rica geralmente durante a estação chuvosa.<sup>3</sup> O arquipélago é exposto ao clima árido com os ventos que trazem consigo areias do Deserto do Sahara e sofre pela falta das chuvas regulares.

De ponto de vista sociocultural as ilhas de maior importância são as ilhas de São Vicente com um centro cultural de Mindelo, a Ilha de Santo Antão com um porto importante de Ribeira Grande e a Ilha de São Tiago com a capital de Praia.

Em relação a demografia nas ilhas, desenvolveu-se uma população bastante específica. Uma das causas é ausência de habitantes nativos no arquipélago antes da colonização. O conjunto genealógico dos cabo-verdianos de hoje é bem diverso, isto porque os cabo-verdianos são descendentes de brancos europeus, sobretudo portugueses, franceses e holandeses mas também de antigos escravos das várias tribos da África ocidental. Jan Klíma capturou as características fundamentais do povo cabo-verdiano: “Splynutím bělošských dobyvatelů, otrokářů a plantážníků s černošskou populací dováženou z nejrůznějších částí západní Afriky vznikl mulatský národ s převažujícím podílem černošské krve. Přijal portugalštinu jako jazyk obecné komunikace, afrikanizoval ji však do kreolizované podoby (crioulo). Kapverdáné mají tak kromě africké podstaty také silné vazby na Evropu. Jejich zápas s přírodou a nutnost tolerovat nejrůznější etnické, rasové a kulturní složky, z nichž nový národ vznikl, ovlivnily rovněž výsledné sympatické vlastnosti tohoto společenství: mírumilovnost, pohostinnost a otevřenost, označované dohromady stěží přeložitelným slovem morabeza (laskavost, vlídnost).“<sup>4</sup> Ao contrário das outras nações africanas com população mulata, os cabo-verdianos não condenam outra cor da pele. Pelo contrário

<sup>3</sup> *Cape Verde Islands. Handbooks prepared under the direction of the Historical Section of the Foreign Office.* No. 117: London, 1920.

<sup>4</sup> KLÍMA, Jan: *Kapverdské ostrovy, Svatý Tomáš a Princův ostrov*; *Stručná historie států*: Libri, 2008; pág. 10.

o povo distingue-se pela grande tolerância acompanhada pela paciência e resistência. São estas qualidades que têm uma relação profunda com as condições duras que causam uma vida difícil no arquipélago. Por outras palavras, na sociedade em que a gente todos os dias tinha de lutar pela sobrevivência, a cor da pele não tinha tanta importância.

## 1.2 História

Cabo Verde foi descoberto em 1460 por navegadores portugueses. As ilhas eram desertas sem nenhum traço dum assentamento permanente indígena. Os portugueses compreenderam uma importância da posição vantajosa das ilhas, que no futuro poderiam servir como um lugar de abastecimento dos navios nos caminhos transoceânicos. Começaram com a colonização gradual e quase de imediato foi estabelecido um comércio de escravos africanos para desenvolver a economia. Com isto o processo da colonização das ilhas avançou lentamente. Por causa da falta de habitantes permanentes, a escassa colônia teve de aceitar um relativamente grande número de exilados, condenados e judeus que foram banidos da Península Ibérica a partir de 1496. Junto com os escravos da África ocidental e aventureiros holandeses, genoveses e castelhanos começou-se a formar uma sociedade muito diversa. Para além disso, Cabo Verde serviu-se como lugar de intercâmbio assim como um lugar de destino para os funcionários eclesiásticos, o que resultou num estabelecimento da Igreja muito estável. Os habitantes com todos os direitos que administraram as ilhas, ou seja os donos brancos, tiveram muita afeição em relação às escravas africanas e tiveram com elas filhos mulatos que mais tarde foram chamados de “filhos da terra”. Já durante o século XVI por causa do domínio dos habitantes negros e mulatos, os “filhos da terra” começaram a criar a classe mais típica e numerosa das ilhas e até conseguiram adquirir posições e funções dentro do governo da colônia. Foi um fenómeno pouco comum entre as outras colônias africanas.

Durante os séculos XVI e XVII o arquipélago foi exposto aos conflitos e invasões de várias nações sobretudo de ingleses, franceses e holandeses que enfraqueceram bastante a colônia. A Coroa Portuguesa não foi capaz de defender a sua colônia por causa da União Ibérica entre 1580 e 1640. Além de mais, a terra passava pelo ciclo do tempo seco que causava a fome e a diminuição da população sobretudo branca, porque os africanos e mulatos foram mais resistentes e capazes de superar catástrofes naturais e ataques do mar em comparação com os portugueses. Um resultado foi um maior crescimento da proporção africana na população. Outra consequência foi que os donos brancos voluntariamente libertaram os seus escravos por causa de não ter meios suficientes para os alimentar. Causaram assim estabelecimentos nas montanhas, as povoações de escravos libertos.

Porém a colônia pouco a pouco se enfraquecia, as casas e as povoações arruinavam-se e tudo isto terminou na emigração crescida. A vida cheia da pobreza e desastres naturais acompanhada

com a indiferença da Coroa continuou até ao século XVIII, até que começou a funcionar o comércio e a Ribeira Grande serviu de novo como um porto de abastecimento de navios não só portugueses, mas também estrangeiros, que foram autorizados a desfrutar os portos cabo-verdianos para se poderem abastecer nas viagens transoceânicas. Não obstante, os períodos da seca e fome dizimaram a população local. Nos anos 1831-1834 quase 50% da população morreu. A colônia repetidamente pediu ajuda a Portugal, mas a terra materna ignorou-a como sempre. Não é de surpreender que a declaração da independência do Brasil em 1822 marcou muito o povo do arquipélago. Os anexos à terra mãe foram enfraquecidos além do mais pela cooperação da colônia com os EUA. No campo do comércio, os americanos usaram o arquipélago como a sua base durante as expedições à pesca da baleia. Além disso os EUA tiveram um papel importante no campo da ajuda internacional que foi mediada pela grande diáspora cabo-verdiana nos EUA. Infelizmente na segunda metade do século XIX bateram securas de tal forma que morreu novamente metade da população das ilhas e isto causou uma nova onda de grande emigração e o crescimento da dispersão nos EUA. Dos estimados noventa mil pessoas ficaram nas ilhas só trinta mil. Em 1869 foi construído o Canal de Suez e Cabo Verde perdeu a sua posição estratégica como o porto de trânsito e aprovisionamento. Logo depois, em 1876 a escravatura foi abolida.

O período do fim do século XIX foi marcado pelo desenvolvimento no campo da educação, da cultura e da consciência nacional. Os habitantes estabeleceram associações ligadas aos termos da independência, liberdade, protesto e esperança e publicaram as primeiras revistas politicamente ativas. As autoridades brancas de Portugal tentaram suprimir uma penetração inevitável da língua crioula na vida acadêmica, intelectual, nas exposições da cultura mulata e africana que incluía sobretudo a dança e a música folclórica.

A primeira metade do século XX foi marcada pelas tentativas no campo da autonomia, pelo desenvolvimento cultural e económico, mas as tentativas de progresso foram abafadas por causa de outras desgraças meteorológicas, que causaram crise na agricultura e o aumento de emigração. Na década de trinta a influência salazarista mostrou-se no arquipélago. A sua política da centralização imperial, porém, não trouxe nenhum desenvolvimento económico notável. Apesar das tentativas separatistas terem sido abafadas, a formação da identidade nacional no campo sociocultural, intelectual e académico fortaleceu-se cada vez mais e o arquipélago chegou à altura essencial para o processo da consciencialização nacional. Foi em 1937 que saiu a revista *Clareza* e isto traduziu-se numa revolução no campo académico e gerou-se o ambiente para se poder criar a geração da construção dum estado independente nos anos seguintes. No capítulo sobre a literatura cabo-verdiana vamos-nos dedicar mais a esta revista.

Durante a Segunda Guerra Mundial o arquipélago e a sua população foram postos em perigo por causa dum potencial ponto estratégico para a guerra naval que a Inglaterra viu nas ilhas devido

à sua posição. Por esta razão Salazar começou a mandar tropas para as ilhas. Ao mesmo tempo a população foi afligida de novo pela pobreza, seca e fome interminável que até ao final do ano 1946 tinha morto mais de metade da população. A emigração deu-se de seguida. Uma catástrofe daquela medida fez com que o povo voltasse às raízes e estimulou ondas do movimento nacional acompanhado pela renovada revista *Clareza*. Os anos sessenta são marcados pela declaração da independência de quase todos os estados africanos. Os cabo-verdianos sentiram-se como uma nação em boa posição de serem independentes e depois da revolução e do fim do salazarismo em Portugal, finalmente no dia 5 de Julho de 1975 foi proclamada a independência de Cabo Verde. O país teve que passar por reformas económicas para prevenir as catástrofes naturais e para desenvolver e pôr em movimento a economia, o sistema da educação e o sistema social. A situação melhorava pouco a pouco, e ao contrário dos outros países africanos, que foram afligidos pela guerra nacional, os cabo-verdianos conseguiram evitar guerra e isso trouxe-lhes respeito internacional. A República de Cabo Verde chegou até a democracia nos anos noventa. O nível da vida, a educação e o turismo cresceu de tal maneira que Cabo Verde chegou a atingir uma posição entre os países africanos com melhor nível da vida.<sup>5</sup>

Para concluir, a história juntamente com as condições geográficas pode nos ajudar a deduzir as características típicas do povo cabo-verdiano e também nos pode nos ajudar a entender o carácter desta gente insular.

Que fatores os guiaram a um caso único da tolerância, a um sentimento nacional muito forte e a uma capacidade da população? Que fatores os distinguem dos outros países africanos afetados pelo colonialismo? Antes de mais, foi o impacto do mesmo colonialismo que “...não foi tão drástico, impulsivo e dramático em Cabo Verde como o foi nas outras regiões africanas que passaram pelo processo de colonização portuguesa.”<sup>6</sup> Devido à escravatura que foi de uma forma mais suave, mais humana e depois a libertação destes mesmos escravos resultou numa maior harmonia racial. A superação coletiva das numerosas catástrofes causou cumplicidade e resistência do povo, como podemos ler num estudo de Manuel Lopes<sup>7</sup>: “Essa humildade perante a vida – que resulta talvez da experiência que aquele povo adquiriu na sua histórica luta de Sísifo contra as forças adversas do seu meio físico – é uma dádiva inestimável.”<sup>8</sup> Os que emigraram criaram uma diáspora fazendo com que o número de cabo-verdianos seja ainda maior do que na terra mãe. O

<sup>5</sup> KLÍMA, Jan: *Kapverdské ostrovy, Svatý Tomáš a Princův ostrov*; Stručná historie států: Libri, 2008.

<sup>6</sup>FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda: *Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*; Caderno CESPUC de Pesquisa, 2007; pág. 4.

<sup>7</sup>Manuel Lopes (1907-2005), escritor cabo-verdiano, um dos fundadores da literatura moderna cabo-verdiana.

<sup>8</sup>LOPES, Manuel: *Reflexões Sobre a Literatura Cabo-Verdiana ou a literatura nos meios pequenos*; Colóquios cabo-verdianos; Lisboa, 1959; pág. 21.

medo das secas não foi maior do que o amor à terra tenazmente enraizado.<sup>9</sup> Cabo-verdianos do além-mar nunca se esqueceram da sua pátria e continuaram a enviar apoio até do final do século XX. Entre os últimos fatores que distinguem Cabo Verde do resto dos países africanos de expressão portuguesa pertence também o desenvolvimento no campo da educação, que começou mais cedo em relação aos outros países. Por fim Cabo Verde nunca passou pela guerra civil ou por um maior conflito como a Guerra Mundial. Não é de surpreender que a literatura cabo-verdiana é uma das mais fortes literaturas africanas de expressão portuguesa.

---

<sup>9</sup>Idem.

## 2 Literatura

### 2.1 Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa

A literatura cabo-verdiana pertence a um grupo de literaturas africanas de expressão portuguesa. É um grupo de cinco países africanos que têm português como a sua língua oficial. Estes países são a Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Todas as literaturas surgiram já depois do século XV que foi uma altura marcada pelos descobrimentos e navegações. No início tratou-se de uma literatura colonial porém durante a sua história de quinhentos anos os países passaram pelo processo de desenvolvimento e consciencialização no meio das duas realidades: a sociedade colonial e a sociedade africana.<sup>10</sup>

Como se trata de países em localizações bem diferentes, as influências do meio geográfico e social têm intensidades diferentes também. No caso de Cabo Verde a posição insular, a inexistência de habitantes nativos e um processo da colonização menos severo foram fatores que ajudaram a diferenciar a literatura cabo-verdiana das outras literaturas africanas lusófonas. Em suma, pela mistura de origens africanas e europeias num ambiente que não foi a terra de origem de nenhum dos dois, foi criado o povo cabo-verdiano.

### 2.2 Desenvolvimento da literatura cabo-verdiana

Uma questão fundamental que se pode perguntar é quando começa o período da literatura autêntica cabo-verdiana, ou seja, a literatura cujo autor se define como um cabo-verdiano e a sua obra tem uma qualquer relação com a sua terra mãe.

A revista *Claridade*, já mencionada anteriormente no capítulo sobre a história, faz o marco mais visível que divide a literatura em duas linhas. O período antes da *Claridade* abrange sobretudo a literatura colonial e o período seguinte cobre a altura depois da *Claridade*. Este período, que nos vai interessar mais, trata-se da literatura autêntica cabo-verdiana.

#### 2.2.1 Antes da *Claridade* – Literatura colonial até a consciencialização

A literatura colonial pode ser definida pelo fato de não ter no seu centro literário uma pessoa africana mas uma pessoa europeia.<sup>11</sup> Portanto os princípios da literatura em Cabo Verde não podem ser percebidos como literatura cabo-verdiana sendo mais corretamente literatura portuguesa. Com efeito, em comparação com os outros países africanos de expressão portuguesa o arquipélago tem pouca literatura colonial. Sendo a razão possivelmente a falta de fontes e origens. Os primeiros

<sup>10</sup>FONSECA, Maria Nazareth Soares. a MOREIRA, Terezinha Taborda: *Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*; Caderno CESPUC de Pesquisa; 2007.

<sup>11</sup>FERREIRA, Manuel: *Literaturas africanas de expressão portuguesa – I. 2.<sup>a</sup> edição*; Instituto de Cultura e Língua Portuguesa: Lisboa, 1986.

autores ligados de alguma maneira ao arquipélago e que deixaram uma obra de mérito literário foram os intelectuais cabo-verdianos de origem europeia durante os séculos XVIII e XIX. A literatura deles não pode ser considerada como uma expressão de caboverdianidade verdadeira porque a sua relação com Portugal era mais forte do que a relação que eles tinham com o Cabo Verde. Muitos habitantes emigraram para Portugal e desta maneira ficaram longe dos problemas da sua pátria. Porém, durante o século XIX a imagem do arquipélago colonial começou a mudar-se pouco a pouco e o arquipélago entrou na sua fase da consciencialização nacional. Por consequência esta formou-se numa altura em que se sentia a grande necessidade de uma nova literatura patriótica. Os autores, ainda que fossem influenciados pela literatura portuguesa e até pela literatura brasileira, foram já intimamente ligados com a terra e o seu ambiente: “Entre 1920 e 1930 já existia uma elite muito consciente dos problemas que afetavam as ilhas. Essa elite concentrava-se em São Nicolau, Santo Antão e São Vicente. Muitos eram comerciantes, professores, estudantes e jornalistas que estavam em contato com as correntes e os movimentos literários de Portugal, como o modernismo e o neorrealismo. Mas foi sobretudo o modernismo brasileiro que influenciou essa geração de escritores, que começavam a tomar consciência cada vez mais nítida da realidade das ilhas. A atenção era focada cada vez mais na terra, no ambiente socioeconômico e no povo das ilhas...”<sup>12</sup> O estudo *Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa* põe ênfase nas fontes da inspiração literária aonde pertencem não só movimentos literários portugueses mas também a influência do Brasil sendo esta última surpreendentemente ainda mais forte do que a portuguesa. O arquipélago está situado entre os dois países, mas a proximidade social entre Cabo Verde e o Brasil, principalmente a região do Nordeste, é mais evidente. O Nordeste brasileiro tinha problemas semelhantes aos problemas cabo-verdianos ao contrário das dificuldades europeias com as quais Portugal lutava. Manuel Lopes descreve a relação entre os dois países no seu estudo sobre a literatura cabo-verdiana: “...os romancistas do Nordeste lançariam as raízes abundantes da prodigiosa brasilidade moderna – com os romances do povo e da terra, precisamente aquele povo e aquela região tão lembrados quando se pretende evocar certas afinidades entre cabo-verdianos e brasileiros; a região das secas, dos êxodos, dos paus-de-arara, da «natureza incerta que dá muito e tira tudo de uma vez»...”<sup>13</sup> Os intelectuais cabo-verdianos foram familiarizados com a literatura do Nordeste e viram nela problemas semelhantes aos da sua pátria nomeadamente problemas do povo e da terra. Inspiraram-se pela maneira como os autores brasileiros capturavam os problemas da terra e do homem e testemunharam atentamente a realidade quotidiana. Os autores como Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Amando Fontes ou Marques Rebelo foram citados pelos

---

<sup>12</sup>FONSECA, Maria Nazareth Soares. MOREIRA, Terezinha Taborda: *Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*; Caderno CESPUC de Pesquisa; 2007; pág. 4.

<sup>13</sup>LOPES, Manuel: *Reflexões Sobre a Literatura Cabo-Verdiana ou a literatura nos meios pequenos*; Colóquios cabo-verdianos; Lisboa, 1959; pág. 16.

autores cabo-verdianos várias vezes durante o período da revista *Clareza*.

## 2.2.2 Depois da revista *Clareza*

A revista *Clareza* significa uma mudança e um momento decisivo na literatura cabo-verdiana e um primeiro impresso verdadeiramente cabo-verdiano.

Foi fundada em 1936 pelo grupo literário de São Vicente com o objetivo de nacionalizar a literatura. Termos como regionalismo, nativismo e universalidade definiram-na. A revista não tinha um programa ou manifesto estritamente definido. Uma ideia chave foi criar a literatura ligada à terra expressa pelo lema: “Fincar os pés na terra”<sup>14</sup>, cujo significado definiu Manuel Lopes: “...em contacto com a terra os pés se transformariam em raízes e as raízes se embeberiam no humos autêntico das nossas ilhas.”<sup>15</sup> Por outras palavras, os “claridosos” puseram maior ênfase numa ligação entre o homem cabo-verdiano e a terra, que apesar de ser dura e pobre, foi a pátria única do povo cabo-verdiano. Foi esta terra que definiu qualidades dum cabo-verdiano como a humildade, humanidade, tolerância e compreensão humana. Do ponto de vista político Manuel Ferreira<sup>16</sup> comenta os princípios do movimento nacional desta maneira: “Não é ainda uma posição anticolonial. Não é ainda, nem nada que se pareça, algo que tenha a ver com a ideia de independência política ou nacional.”<sup>17</sup> Trata-se sobretudo de problemas ligados ao homem na paisagem problemática e no cenário da emigração onipresente.

Os fundadores do Movimento Claridoso, também chamados “Geração Moderna”, eram principalmente Baltasar Lopes, Manuel Lopes e Jorge Barbosa, cujos primeiros feitos literários pertencem ao campo da poesia, onde é de destacar uma influência muito forte da Revista *Presença*.<sup>18</sup> Vamos mostrar um retrato da poesia através da obra do primeiro poeta, Jorge Barbosa, que para além disto, publicava também para a Revista *Presença*.

**Jorge Barbosa** nasceu na ilha de Santiago em 1902. Durante a sua vida publicou três livros da poesia: *Arquipélago* (1935), *Ambiente* (1941) e *Caderno de um Ilhéu* (1956). Já pelos títulos é evidente que a sua poesia é ligada ao tema da insularidade. A insularidade na literatura cabo-verdiana atinge várias formas. Em primeiro lugar temos a natureza das dez pequenas ilhas com o ambiente duro e inospitaleiro com o qual o homem cabo-verdiano tem de lutar diariamente. Porém apesar das dificuldades, o homem cabo-verdiano ama esta paisagem com um amor profundamente

<sup>14</sup>LOPES, Manuel: *Reflexões Sobre a Literatura Cabo-Verdiana ou a literatura nos meios pequenos*; Colóquios cabo-verdianos; Lisboa, 1959; pág. 20.

<sup>15</sup>Idem; pág. 20.

<sup>16</sup>Manuel Ferreira (1917-1992) foi um escritor português, aoutor de numerosos estudos da literatura africana. Casou com a escritora cabo-verdiana Orlanda Amarílis.

<sup>17</sup>FERREIRA, Manuel: *Literaturas africanas de expressão portuguesa – I. 2.ª edição*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1986; pág. 37-38.

<sup>18</sup>Revista da geração do Segundo Modernismo em Portugal que saiu de 1927 até 1940.

enraizado dentro dele. Em seguida temos o mar, que rodeia as ilhas e a sua forma infinita contrasta com a pequenez das ilhas. Um homem chega ao dilema entre o amor para a terra e o desejo de abandonar a sua pátria e encontrar uma vida melhor.

A relação entre o homem, a terra e o mar são ilustrados com atitude bem compreensiva no estudo *Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*: “...com que diariamente se defronta o caboverdiano: a fome, a miséria, a falta de esperança no dia de amanhã, as secas e os seus efeitos devastadores. Os grandes tópicos são a terra, o ambiente socioeconômico e o povo. Todos estes tópicos tem uma relação constante com o mar, elemento gerador de outros dois temas tratados na poética de Jorge Barbosa: a viagem e o sonho de encontrar uma terra prometida.”<sup>19</sup> Esta referência sobre a poesia de Jorge Barbosa capturou todos os termos para além da temática essencial da natureza cabo-verdiana, com o homem cabo-verdiano no centro dum interesse e o mundo duro que o rodeia.

Além disso a paralela entre a paisagem brasileira e cabo-verdiana é muito visível nos poemas dele, por exemplo: “*Carnaval do Rio de Janeiro, eu te vejo eu te sinto*”, “*Carta para Manuel Bandeira*”, “*Carta para o Brasil*” ou “*Você, Brasil*” com o verso: “Eu gosto de você, Brasil, porquê você é parecido com a minha terra.”<sup>20</sup>

Os princípios da prosa na literatura moderna estão ligados ao Manuel Lopes com o conto “*Um galo que cantou na baía*” publicado na revista *Clareza* e principalmente ao Baltasar Lopes e o seu romance “*Chiquinho*” publicado em 1947, que é considerado o primeiro romance cabo-verdiano.

**Baltasar Lopes** nasceu em 1907 na ilha de São Nicolau. Depois dos estudos secundários no seminário de São Vicente, formou-se em Direito e Filologia Românica na Universidade de Lisboa. Voltou para Cabo Verde, onde trabalhou como professor no Liceu de São Vicente. Ele publicou o romance “*Chiquinho*” em 1947, a primeira obra no campo da ficção. Esta obra ligava todos os aspetos da caboverdianidade como a seca, a fome e a insularidade que resultavam na emigração. Além de mais, Baltasar Lopes enriqueceu a romance com a língua crioula e incorporou na linguagem as expressões e formas sintáticas do dialeto.<sup>21</sup> A língua crioula vem à frente, penetra no ambiente académico e passa por apresentar o papel da língua nacional no processo da consciencialização gradual. Neste momento o dialeto crioulo, num espaço cabo-verdiano bilingue já abrange quase 80% do seu léxico na base da língua portuguesa e por isso pode ser considerado a

<sup>19</sup>FONSECA, Maria Nazareth Soares, MOREIRA, Terezinha Taborda: *Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*; Caderno CESPUC de Pesquisa; 2007; pág. 6.

<sup>20</sup>BARBOSA, Jorge: *Caderno de um Ilhéu*; Lisboa, 1956; poema *Você, Brasil*

<sup>21</sup>FERREIRA, Manuel: *Literaturas africanas de expressão portuguesa – I. 2.ª edição*; Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1986; pág. 61.

língua cabo-verdiana.

Agora vamos apresentar mais um aspeto da emigração, cuja natureza muda-se através o tempo. Na obra de Baltasar Lopes e dos outros autores cabo-verdianos o conceito da emigração adquire nova dimensão e desenvolve-se no termo evasãoismo, que tem o seu papel importante na literatura cabo-verdiana. Evasãoismo é um termo ligado aos temas de partida, insularidade e emigração. Aparece durante os anos 30 e 40 e permanece até os dias de hoje. Apesar de ser uma certa forma da emigração, diferencia-se na sua motivação e origem. Emigração tem origem económica, ou seja, é uma consequência da seca e da fome. Evasãoismo tem motivação na atitude intelectual, ou seja, o escritor tem o desejo de partir para ver outros países e a sua gente. Desta forma quer alargar os seus horizontes e desenvolver o seu ser intelectual e social. Difere-se da emigração na sua atitude à pátria, porque o protagonista que passa pelo processo do evasãoismo não fica desenraizado da sua pátria.<sup>22</sup> Evasãoismo pode às vezes ser visto como sendo algo mais literário do que real, como por exemplo no romance mencionada anteriormente de Baltasar Lopes, “o *Chiquinho*”. É um complexo de “querer ficar e ter que partir” e “querer partir e ter que ficar”. Esta dualidade exprime da melhor maneira a filosofia do evasãoismo cabo-verdiano.

Evasãoismo foi característico dos escritores claridosos que, porém, não representa o verdadeiro sentido do povo. Evasãoismo não capta o verdadeiro problema da emigração da ilha, mas capta mais o estado emocional, subjetiva e interior dum indivíduo. É uma frustração não poder realizar o seu desejo e vontade no caso de “querer partir mas ter que ficar”.<sup>23</sup> Como os autores que concentram o seu interesse a todos os aspetos do povo cabo-verdiano podemos considerar escritoras da literatura feminina, que vamos agora apresentar.

### 2.3 Mulheres cabo-verdianas

A literatura feminina começa a aparecer a partir dos anos 70 e este movimento tem-se desenvolvido fortemente. As escritoras não são representantes da literatura marginal mas pertencem ao grupo de autores que ajudaram a formar a literatura contemporânea, ou seja, literatura pós-colonial cabo-verdiana. Fundaram a literatura feminista e também iniciaram a emancipação feminina nas ilhas. As mulheres passaram a aparecer no centro do interesse literário e a produção feminina inclui temas como o da maternidade, machismo, prostituição, sensualidade, sexualidade, a posição social de mulheres, a injustiça nos casamentos, o quotidiano feminino, mas também o mundo interior e a intimidade da mulher. Tudo isto foi oprimido na sociedade patriarcal durante o

---

<sup>22</sup>Idem; p. 110.

<sup>23</sup>SILVEIRA, Onésimo: *Consciencialização na literatura caboverdiana*; Edição da Casa dos Estudantes do Império: Lisboa, 1963; pág. 10-11.

período da opressão colonial do século XX e retirou-se lentamente depois da libertação do regime. Nas outras pós-coloniais portuguesas da África a influência da guerra colonial é evidente. Cabo Verde felizmente evitou a guerra colonial mas a fome, as secas e a pobreza persistente influenciaram bastante a literatura, fazendo com que a emigração penetrasse na literatura feminina também. O começo da criação feminina é ligado com o fim da opressão colonial, e as escritoras ajudaram reconstruir a situação política e cultural e construir a liberdade nacional do seu país. As mulheres cabo-verdianas têm participado ativamente na vida política como membros dos partidos políticos e fundadores das organizações feministas para proteger direitos humanos. Têm contribuído no sistema da educação e têm publicado frequentemente nos meios de comunicação social.<sup>24</sup>

De entre as escritoras mais importantes pertencem sem dúvida Orlanda Amarílis, Dina Salústio e Fátima Bettencourt. Caracterizaremos a obra de cada uma porque são estas as autoras, com estilos completamente diferentes, que dedicaram as suas obras às ilhas cabo-verdianas. Sobretudo à condição do povo cabo-verdiano com a sua natureza complexa e às mulheres com o seu papel na sociedade. Com grande mérito contribuíram à emancipação feminina na literatura que tinha sido predominantemente masculina durante muito tempo.<sup>25</sup> O papel da mulher na sociedade cabo-verdiana não é fácil mas é essencial para entendermos a criação feminina: “Numa sociedade eminentemente agrícola, reconhece-se cada vez mais a importância do trabalho feminino na realização de tarefas como a sementeira, a colheita, o descasque e a transformação do produto, além de recolher água (percorrendo longos trajetos), transportar lenha e cana para o fabrico do grogue, fazer funcionar o fogão de três pedras (gastando muitas horas de seu dia), carregar pedregulhos ou latões de cascalho à cabeça na frente de abertura de estradas. Além de valiosa mão-de-obra nos campos e de cumpridora dos trabalhos domésticos e funções familiares (como mãe e chefe), a mulher é força atuante no resgate e na preservação do património cultural do Arquipélago.”<sup>26</sup>

Outras autoras femininas muito significantes são Luísa Queirós, Maria Helena Spencer, Ivone Aída, Maria Margarida Mascarenhas, Vera Duarte e Ondina Ferreira mas vamos dedicar-nos mais às autoras da literatura infantil, cujos exemplos vamos apresentar na última parte do nosso trabalho.

**Orlanda Amarílis**, contista e autora de literatura para crianças, nasceu em 1924 na ilha de Santiago e faleceu no dia 1 de Fevereiro de 2014 aos 89 anos. Cresceu no arquipélago e atendeu a

<sup>24</sup>RODRIGUES, Isabel Fêo P. B.; SHELDON, Kathleen: *Cape Verdean and Mozambican Woman's Literature: Liberating the National and Seizing the Intimate*; African Studies Review, Vol. 53, No. 3, 2010. (<http://www.jstor.org/discover/10.2307/40930967>); consult. Em 18. 02. 2014; p.77-84.

<sup>25</sup>GOMES, Simone Caputo: *Literatura e Trajetória Social das Mulheres em Cabo Verde: A Escrita de Autoria Feminina ou um Outro Olhar Sobre o Arquipélago*; Instituto de Investigação Científica Tropical; Lisboa, 2013.

<sup>26</sup>GOMES, Simone Caputo: *Literatura e Trajetória Social das Mulheres em Cabo Verde: A Escrita de Autoria Feminina ou um Outro Olhar Sobre o Arquipélago*; Instituto de Investigação Científica Tropical; Lisboa, 2013; pág. 3.

escola secundária na ilha de São Vicente. Completou os seus estudos em Goa, onde ficou seis anos. Depois foi a Lisboa estudar na Faculdade de Letras. Casou-se aos 21 anos com o escritor Manuel Ferreira. Viajou por países distantes como a Índia, Canadá, Egipto, Estados Unidos, Angola, Moçambique, etc. Ficou fora da pátria durante muito tempo mas finalmente fixou-se em Lisboa com o marido não esquecendo o seu país de origem com o qual se identificava.<sup>27</sup> Desde os anos de 90 que se empenhava sobretudo no campo da literatura infantil e com isto contribuiu com as outras autoras femininas na preservação das narrativas da tradição oral.

A obra dela não abrange uma publicação literária vasta mas possui grande importância e valor literária. A sua carreira da escritora foi iniciada com a coleção de contos *Cais-do-Sodré té Salamansa* publicada em 1974. Na sua obra podemos também encontrar o certo tipo do evasãoismo, porque os temas do isolamento e insularidade que causam a emigração (seja emigração económica seja intelectual) penetram na sua obra,. Ao contrário dos claridosos, evasãoismo desenvolve-se ao nível do exílio, da diáspora e da solidão. Ela conseguiu captar a nostalgia e a melancolia do cabo-verdiano que se encontra fora do país e onde se sente como estrangeiro.<sup>28</sup> Certamente tem a ver com a sua própria experiência de ter vivida fora do país. Além disso, ela aproxima-nos do ambiente da diáspora cabo-verdiana.

Ela é autora de mais dois livros de contos – *Ilhéu dos Pássaros*, coleção publicada em 1983 e *A Casa dos Mestros* do ano 1989. Como já mencionámos, o segundo período da sua carreira foi marcado pela literatura infantil. Junto com Maria Alberta Menéres publicou *Folha a Folha*, coleção de contos infantis, em 1987. No ano de 1990 publicou o livro de contos infantis *Facécias e Peripécias* que tinha sido baseado em histórias tradicionais. Vamos nos familiarizar com o último livro para crianças de Orlanda Amarílis, *A Tartaruginha*, publicado em 1997, cujo tradução para a língua checa é incluída e analisada neste trabalho.

**Dina Salústio** é o pseudónimo de Bernardina Oliveira que nasceu em 1941 em Santo Antão. Apesar de ser uma escritora e poetisa produtiva no arquipélago, também participou ativamente na vida cultural e política cabo-verdiana. Tem tido várias funções tal como professora, assistente social, jornalista e diretora da Rádio Educativa. No campo do jornalismo fundou a revista *Mujer*, através do qual tem sido mobilizada a consciência feminista e *Ponto&Virgula*. Tem as suas publicações de gêneros variados em quase todas as revistas e jornais de Cabo Verde. Está muito

---

<sup>27</sup>PASSOS, Joana Filipa da Silva de Melo Vilela: *Postcolonial and Feminist Dialogues in a Comparative Study of Indo-English and Lusophone Women Writers*; 2003.

(<http://dspace.library.uu.nl/bitstream/handle/1874/620/full.pdf>): consult. em 25. 02. 2014; pág. 167.

<sup>28</sup>FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda: *Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*; Caderno CESPUC de Pesquisa, 2007; pág. 8.

empenhada nos assuntos de movimentos feministas e colabora com o Instituto da Condição Feminina. Desde os anos noventa que participa num programa de histórias infantis e em 1994 recebeu o Prêmio de Literatura Infantil.

Ao contrário de Orlanda Amarílis, Dina Salústio capta na sua prosa a vida das mulheres de várias posições sociais e interessa-se com os problemas sociais das ilhas. Chama atenção sobretudo às crianças abandonadas, o abuso das crianças, maternidade precoce, a embriagues, a loucura, o lesbianismo, a prostituição, o trabalho árduo e a dureza de vida das mulheres.<sup>29</sup>

A obra mais conhecida dela é um romance intitulado *A Louca de Serrano* de 1998 que tinha sido o primeiro romance de autoria feminina publicado em Cabo Verde. Em 1994 publicou uma coleção de contos: *Mornas eram as noites*. Dina Salústio disse que o livro nasceu da: “(...)necessidade de publicar inúmeras histórias de mulheres, histórias de vida que passam por mim (...). Não são ficção, é cá um encontro que é verdade, um momento só. (...) Não fiz uma seleção desses textos, só o primeiro foi intencional, para querer mostrar o meu reconhecimento a estas mulheres cabo-verdianas que trabalham duro, que fazem o trabalho da pedra, que carregam água, que trabalham a terra, que têm a obrigação de cuidar dos filhos, de acender o lume. Quis prestar uma homenagem a esta mulher. (...) As histórias acontecem, ao sabor do voo. Falo das mulheres intelectuais, daquelas que não são intelectuais, daquelas que não têm nenhum meio de vida escrito, falo da prostituta, falo de todas as mulheres que me dão alguma coisa, e que eu tenho alguma coisa delas. (...) Em Cabo Verde, quando nasce uma menina, ela já é uma mulher.”<sup>30</sup> Podemos dizer que Dina Salústio simplesmente quer “dar voz a todas as mulheres”<sup>31</sup>

**Fátima Bettencourt** nasceu em 16 de Fevereiro 1938 na ilha de Santo Antão. Durante a sua vida tem tido ocupações de professora, jornalista e apresentadora de programas radiofónicos em Cabo Verde, Angola e Guiné-Bissau. No campo literário tornou-se conhecida como contista. Publicou uma coleção de contos intitulados *Semear em Pó* em 1994 e *A Cruz do Rufino*, literatura infantil de 1998, mas tem também grande mérito como cronista. Nos seus contos concentra-se nos temas da pátria, identidade, família e a mulher com a importante função de transmitir a cultura cabo-verdiana. Fátima esta empenhada na problemática feminista das ilhas e dedica-se aos problemas da posição social de mulher.

**Luísa Queirós** é natural de Lisboa e mudou-se para Cabo Verde em 1975. Ela dedica-se

<sup>29</sup>GOMES, Simone Caputo: Cabo Verde: *Literatura em chão de cultura*; Ateliê Editorial: Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008; pág. 220.

<sup>30</sup>GOMES, Simone Caputo: *Literatura e Trajetória Social das Mulheres em Cabo Verde: A Escrita de Autoria Feminina ou um Outro Olhar Sobre o Arquipélago*; Instituto de Investigação Científica Tropical; Lisboa, 2013; pág. 218.

<sup>31</sup>Idem; pág. 222.

principalmente as artes plásticas e à pintura. Coopera com outros artistas cabo-verdianos e com isto ajuda a criar um importante património cultural. Ela é autora sobretudo das histórias para crianças que são acompanhadas pelos seus desenhos figurativos de cores vivas. Entre a literatura infantil publicada por ela encontramos a *Ilhas da Outra Face da Lua* (1992), *Saaraci, o Último Gafanhoto do Deserto* (1996) e *Os Botões Pequenos Sonham com o Mel* (2001). Posteriormente vamos analisar o livro *Saaraci, o Último Gafanhoto do Deserto*, esobre isto a autora comunicou que era: “dramático e meio verdadeiro, meio ficção foi o naufrágio de um enorme bando de gafanhotos que pretenderam viajar da Maurítânia para qualquer TERRA de salvação. Afogados, constituíram como que uma jangada, onde os restantes sobreviventes poisaram e iniciaram uma série de aventuras até chegarem a S. Vicente, a “terra sonhada”. Este foi um conto que criei e illustrei com o título de Saaraci, o último gafanhoto do Deserto, prestando homenagem a todos os que arriscaram a vida para realizarem os seus sonhos... mesmo enfrentando a morte.”<sup>32</sup>

## 2.4 Literatura infantil

A literatura infantil é um gênero que surgiu nos anos noventa do século XX e passou a ser um gênero bastante popular entre a autoria feminina. Este gênero é baseado nas histórias e narrativas da tradição oral. As escritoras e pedagogas como Dina Salústio, Fátima Bettencourt, Orlanda Amarílis, Hermínia Ferreira e Margarida Brito têm recapturado as fábulas e narrativas orais que rapidamente têm desaparecido para que a tradição oral cabo-verdiana seja preservada. Como o crioulo cabo-verdiano é uma linguagem oral desse povo, os contos de fadas são publicados em português.<sup>33</sup> Entre as organizações que têm participado na publicação e expansão da literatura para crianças e jovens, pertencem o “Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco” e o “Centro Cultural Português na Praia”, organização criada em 1995 pelo Instituto Camões.

Agora vamos apresentar mais detalhadamente as raízes que influenciaram muitos contos de fadas de hoje. Como a cultura africana tinha-se juntado com a europeia, sobretudo portuguesa, com a sua religião católica, criou-se um povo crioulo com diversidade cultural e racial que mantém características, costumes e práticas de ambos os mundos. Os costumes do baptizado e do casamento juntaram-se com as práticas tradicionais africanas. Os escravos africanos levaram consigo, durante o povoamento dos ilhós, os seus costumes e folclore e pela transmissão oral<sup>34</sup> adaptaram as

<sup>32</sup>LANÇA, Marta: *Da resistência e da fantasia, entrevista a Luísa Queirós*. (<http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/da-resistencia-e-da-fantasia-entrevista-a-luisa-queiros>); consult. em 16. 6. 2014

<sup>33</sup>RODRIGUES, Isabel Fêo P. B.; SHELDON, Kathleen: *Cape Verdean and Mozambican Woman's Literature: Liberating the National and Seizing the Intimate*; African Studies Review, Vol. 53, No. 3, 2010. (<http://www.jstor.org/discover/10.2307/40930967>); consult. em 18. 02. 2014; pág. 85.

<sup>34</sup>FINEGAN, Ruth: *Oral literature in Africa*; Open Book Publishers CIC Ltd: United Kingdom, 2012

narrativas ao novo espaço cabo-verdiano.<sup>35</sup>Foi assim, assimilando a cultura tradicional africana com a cultura portuguesa que levou à criação da cultura crioula.

Como gênero, o conto tradicional via transmissão oral tem uma relação estreita com os provérbios, mitos, lendas, histórias, rituais, etc. O objetivo original era transmitir a herança cultural, preservar a tradição cultural e manter a identidade do povo. Outra função não menos importante é a função didática que serve para educar as crianças.<sup>36</sup>

A necessidade de captar esta transmissão oral surge do processo do desaparecimento gradual das narrativas. Isto significa a necessidade de preservar a identidade nacional do povo porque: “...a tradição oral é um elemento fundamental da herança cultural de um povo, permitindo o encontro com as suas raízes e revelando a sua identidade cultural.”<sup>37</sup>

Em Cabo Verde a mulher tem sido uma guardiã da memória e transmissora da cultura. Tem transmitido uma herança cultural tal como os comportamentos, as práticas e as narrativas às crianças na língua nacional do crioulo. É preciso mencionar que muitas vezes a transmissão original é acompanhada com música ou é complementada na forma musical. A música tem um papel importante na cultura cabo-verdiana e podemos encontrá-la em quase todos os acontecimentos culturais seja públicos ou privados. A forma de música cabo-verdiana mais conhecida tem o nome de “morna”. Cria o sentimento nacional e é tradicionalmente cantada pela mulher do povo durante o seu trabalho na lavoura e em casa.<sup>38</sup> Uma cantadeira nacional e a maior personalidade ligada com a morna era a Cesária Évora, que faleceu não há muito tempo, em 2011.

Com efeito, a relação entre a transmissão oral e as formas da apresentação não-verbais e os dados extralinguísticos é bastante importante. Infelizmente no processo da transformação da transmissão oral à forma escrita perdem-se muitos elementos extralinguísticos e não-verbais, como por exemplo, a musicalidade, os sons, os gestos e a interação mútua entre o contador e os ouvintes.<sup>39</sup> Apesar de não ser possível captar a narrativa tradicional da transmissão oral com todas as suas características, a preservação da herança cultural pelo menos na forma escrita possui grande importância para as novas gerações e pode desenvolver-se nos contos de fadas originais e tão especiais como são os de Cabo Verde.

---

<sup>35</sup>RIBEIRO, Orquidea Moreira: *Folclore de Cabo Verde entre continentes: Elsie Clews Parsons e a tradição oral cabo-verdiana*; Revista de Letras, Vol. 5, No. 2, 2012.

(<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewArticle/3856>); consult. em 05. 03. 2014; pág. 3.

<sup>36</sup>RIBEIRO, Orquidea Moreira: *Folclore de Cabo Verde entre continentes: Elsie Clews Parsons e a tradição oral cabo-verdiana*; Revista de Letras, Vol. 5, No. 2, 2012.

(<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewArticle/3856>); consult. em 05. 03. 2014; pág. 4.

<sup>37</sup>Idem; pág. 3.

<sup>38</sup>Idem; pág. 3.

<sup>39</sup>Idem; pág. 3.

### 3 Exemplos da literatura infantil e a sua análise literária

Vamos analisar e, em consequência comparar, três contos de fadas das escritoras que já apresentámos no capítulo sobre a literatura feminina: Orlanda Amarílis, Fátima Bettencourt e Luísa Queirós. As autoras diferem no seu estilo, porém a caboverdianidade dos seus contos atua como um elemento de ligação entre eles. Os contos destacam pela sua natureza específica incomparável com os contos europeus: não encontraremos os motivos típicos que aparecem nos nossos contos de fadas, por exemplo, a luta entre o mal e o bem, representada pelas personagens fantásticas ou sobrenaturais do príncipe e do dragão. Mais bem se trata da luta pela sobrevivência no ambiente natural, que pode ser perigoso e hostil. Ao mesmo tempo, podemos encontrar o conflito entre o ambiente natural e os homens, contudo, nem um lado pode ser considerado como o representante do bem, ou do mal.

As personagens representam cabo-verdianos, seja na forma humana, seja na forma animal antropomorfizada. Vivem no espaço cabo-verdiano e apontam a alguns aspectos desse ambiente e da natureza do seu povo.

Os contos de fadas europeus são mais universais e descrevem o mundo fictício e irreal de criaturas fantásticas e sobrenaturais. A sua ação não se situa no espaço histórico mais especificado.<sup>40</sup> Ao contrário, os contos de fadas cabo-verdianos situam-se no espaço real e a ligação com o tempo atual é também mais definido. O tempo dos contos *Saaraci*, *o Último Gafanhoto do Deserto* e *A Tartaruginha* desenrola-se aproximadamente na nossa época. Vejamos alguns exemplos: “Helicópteros espalhando insecticidas...”<sup>41</sup> - Neste conto aparecem helicópteros e pesticidas, que são invenções e produtos da idade moderna. E apesar de a viagem da Tartaruginha ocorrer através do tempo, esta começa só no século vinte: “Andaste para trás no tempo. Estamos no ano 456 A.C. Mas não te apoquentes que eu vou levar-te ao século XX de onde vieste.”<sup>42</sup>

A seguir vamos analisar cada conto de fadas que mencionamos anteriormente, com ênfase nos elementos regionalistas, na simbólica das personagens e nos traços específicos que relacionam os contos com a realidade cabo-verdiana.

<sup>40</sup>ČAPEK, Karel: *Marsyas čili Na okraj literatury*; Praha, 1971

<sup>41</sup>QUEIRÓS, Luisa: *Saaraci, o Último Gafanhoto do Deserto*; Instituto Camões. Centro Cultural Português: Praia – Mindelo, 1998; pág. 5.

<sup>42</sup>AMARÍLIS, Orlanda: *A Tartaruginha*; Instituto Camões. Centro Cultural Português: Praia – Mindelo, 1997; pág. 27.

### 3.1 A Tartaruginha

Já a partir do nome do conto podemos deduzir, que se trata de um conto de fadas animal, no qual os animais representam as personagens principais. Os animais são antropomorfizados e possuem algumas características humanas. No nosso caso, trata-se da estória e da aventura duma tartaruginha curiosa, que além de se perder no nosso mundo gigante, também se perde no tempo.

Em quanto à estrutura, o conto é dividido em quatro partes. Na primeira parte somos familiarizados com o ambiente. A tartaruginha vive com a sua mãe e os seus amigos animais do mundo submarino. Além da descrição da natureza marinha e da vida das tartarugas, somos testemunhas do diálogo entre a mãe tartaruga e a sua filha Tartaruginha. Nesta parte, que certamente contém uma mensagem didáctica, a mãe educa a sua filha para ser obediente e educa-a para ser preparada a viver uma vida madura. Conta-lhe a predição da fada Mirandolina que consiste de três perigos que irão pôr em risco a vida da Tartaruginha. As três partes da predição se cumprem, em continuação a Tartaruginha é atacada pelo rapaz durante a sua viagem à praia para pôr os ovos. Consegue escapar, mas na terceira parte do livro, já não tem tanta sorte. É atacada pelo polvo, e imediatamente segue o ataque da águia. A águia leva a Tartaruginha para trás no tempo. A quarta parte fala sobre a tentativa da Tartaruginha de voltar à sua ilha, porém sem sucesso. O conto fica inacabado: “E depois? E depois, o resto conto logo.”<sup>43</sup>

Agora vamos mencionar alguns motivos que chamaram a nossa atenção neste conto.

A natureza cabo-verdiana, mesmo como em outros contos de fadas, é enfatizada e elogiada: “...ela deixou-se estar; a admirar as bananeiras com cachos maduros de bananas, os coqueiros altos, tão altos que quase chegavam ao céu. E viu os montes, e viu as ribeiras a desembocarem no mar.”<sup>44</sup> A autora enfatiza a beleza e o carácter único da paisagem insular, mas com maior atenção concentra-se na descrição da paisagem submarina do seu carácter vulcânico, enfatizando, dessa maneira, os traços mais típicos da natureza cabo-verdiana: ilhas montanhosas de origem vulcânica, as praias vastas cheias de bananeiras e coqueiros e a vida submarina rica.

O conto começa com as palavras: “Era uma vez...”<sup>45</sup>, que é uma estrutura típica para abrir a narrativa dos contos de fadas. Em quanto à linguagem utilizada, a autora não usa só as palavras simples, entendíveis para as crianças, também aparecem palavras não típicas para os contos de fadas, como, por exemplo, quelóneos, universal, tragediógrafo, corifeu, emigrante e imigrante. Talvez é por querer sublinhar, que na idade pequena a falta do conhecimento daqueas palavras não importa e que a mente de criança está preparada para aprender estes conceitos. O interesse da

<sup>43</sup> AMARÍLIS, Orlanda: *A Tartaruginha*; Instituto Camões. Centro Cultural Português: Praia – Mindelo, 1997; pág.35.

<sup>44</sup>Idem; pág. 18.

<sup>45</sup>Idem; pág. 11.

Tartaruginha para aprender o significado das palavras serve neste conto para inspirar e para educar as crianças. A autora brinca com os nomes das personagens animais e inventa os nomes como Camarão-zito-Côr-de-Rosa, Caranguejo-Dois-à-Frente-e-Um Atrás, Tubarão Manganão e Lula-Caçula. A nossa tentativa durante a tradução foi preservar tanto o conteúdo lexical destes nomes, como o seu carácter fonético. Encontrámos alguns equivalentes checos que na nossa opinião correspondem, de melhor maneira possível, ao seu significado original. Eis aqui alguns exemplos: Krevetka Růženka, Krab-dvokrát-vpřed-a-jednou-vzad, Mečoun Šedivoun e Sěpie Marie.

Em resumo, consideramos o conto *A Tartaruginha* como uma mistura peculiar. A autora mistura o ambiente da natureza romântica com os problemas globais da poluição: “...vais respirar de novo os gases dos escapes dos automóveis. (...) Mas terás de fugir das águas poluídas pelos petroleiros, pelos esgotos e pelos detergentes.”<sup>46</sup> A autora junta um acontecimento histórico real, a morte do Ésquilo, com a aventura da Tartaruginha. Desta maneira liga o mundo irreal com o mundo real e o tempo passado com o presente.

Sem dúvida, trata-se dum conto de fadas com a função lúdica e didáctica. O leitor certamente vai ser atraído pelo jogo de palavras e pela sua narrativa dinâmica. Os parágrafos, nos quais a Tartaruginha puxa a agenda que traz “num cantinho da carapaça”<sup>47</sup> para escrever as palavras desconhecidas certamente divertirão ao leitor, assim como a causa da morte do Ésquilo. Ainda mais, as crianças podem aprender muito sobre a vida submarina através da viagem da Tartaruginha, durante a qual aparecem os animais como camarão, caranguejo, polvo, baleia, tubarão, linguado e lula.

Orlanda Amarílis foi uma autora exilada e passou a maioria da sua vida fora da sua pátria - Cabo Verde. O tema da emigração penetrou inclusive ao seu conto de fadas. A Tartaruginha até é chamada do nome do imigrante no Haiti. Quando a Tartaruginha uma vez abandona as ilhas, não é capaz de voltar. Tem a vontade do retornar e sente saudades da sua ilha. A narrativa fica inacabada e o leitor não sabe se a Tartaruginha consegue voltar ou não. O fim aberto possivelmente quer exprimir a possibilidade de voltar.

---

<sup>46</sup>AMARÍLIS, Orlanda: *A Tartaruginha*; Instituto Camões. Centro Cultural Português: Praia – Mindelo, 1997; pág. 27.

<sup>47</sup>Idem; pág. 26.

### 3.2 A Cruz do Rufino

O conto de fadas é introduzido pelo prefácio de Fátima Bettencourt. No prefácio somos familiarizados brevemente com o contexto sociocultural e com a inspiração da autora para escrever *A Cruz do Rufino*. Conforme o prefácio, o primeiro objectivo da sua narrativa é aproximar os dois mundos estreitamente relacionados – Cabo Verde e Portugal.

A própria narrativa não tem a estrutura ou o enredo típico. Faz falta um carácter dramático formado pela gradação da narrativa e do desenredo. A ação principal acontece na linha do sonho do Rufino, no qual o Rufino não experimenta nenhuma luta contra o mal, somente mostra a sua coragem. O tempo não é detalhadamente definido, mas descobrimos, que se trata do período do reino português e descobrimentos ultramarinos, ou seja o período desde o século XVI até aos princípios do século XIX: “Não sei que contas prestar ao Rei de Portugal.”<sup>48</sup>

A história está situada no espaço real cabo-verdiano, precisamente na ilha de Santo Antão: “...na sua frente se estendia a Baía do Porto Grande, o mar sereno como um lago e ao longe, no Monte Cara, uma bola de fogo.”<sup>49</sup>

A narrativa leva um tom leve do mistério relacionado com dois elementos: a cruz de madeira negra do Rufino e a força sobrenatural na forma da sereia, a rainha dos mares. Não é claramente dito como é a relação entre a sereia e a mãe do Rufino ou se a cruz realmente ajudou aos navegantes na tempestade. Ao mesmo tempo a cruz pode representar a força que salvou Mano Léla.

No conto descrevem-se dois mundos em uma relação íntima, que são Cabo-Verde e Portugal. Descobrimos que a relação entre os dois países não é tão forte como no passado: “Como? (...) se não sei nada daquela terra? (...) Para os meninos cabo-verdianos que não estudam História de Portugal, pode ser difícil entender o que vão ler, ...”<sup>50</sup>

Apesar deste enfraquecimento de relações, sentimos a importância de Portugal para os cabo-verdianos, sendo este o país que descobriu e colonizou as ilhas. Existe certa necessidade de não esquecer o país que deu a origem ao povo cabo-verdiano e é preciso espalhar tal consciência entre as gerações mais novas: “Aí então ficarão a conhecer melhor o povo que achou e povoou estas Ilhas onde vivemos, “de pão escasso e nuvens raras”, o Arquipélago de Cabo Verde.”<sup>51</sup> A autora usa a expressão “de pão escasso e nuvens raras” para exprimir as características típicas para Cabo Verde e para referir-se ao clima seco e à fome que constantemente influem o povo cabo-verdiano.

A seguir vamos apresentar as personagens do conto e a sua simbologia, conforme o nosso olhar: O Rufino é uma criança com a aspeto diferente dos outros: “De qualquer modo, de algum

<sup>48</sup>BETTENCOURT, Fátima: *A Cruz do Rufino*; Instituto Camões. Centro Cultural Português: Praia – Mindelo, 1998; pág. 12.

<sup>49</sup>Idem; pág. 7.

<sup>50</sup>Idem; pág. 2.

<sup>51</sup>Idem; pág. 2.

lugar teriam vindo aqueles olhos azuis e o cabelo avermelhado.”<sup>52</sup> Ele simboliza a mistura das raças, particularmente a fusão da nação portuguesa com a mulher mulata de origem africana. O pai do Rufino era marujo loiro que só parou nas ilhas. A sua mãe Djódja era mulata bonita, que simboliza o culto da mulher cabo-verdiana: forte de corpo cheio, bonita e muito desejada. O povo cabo-verdiano é representado por Mano Léla e os outros pescadores, homens pobres, sem dinheiro e propriedades, mas ricos em sua existência humana. São homens trabalhadores e duros, mas ao mesmo tempo de bom coração e capazes de amor maternal: “Quando Mano Léla ia para o mar, Gregório ou Djosa tomavam conta do Rufino, velhos e curtidos homens do mar transformados em ternas mães que davam de comer e contavam histórias para o menino adormecer.”<sup>53</sup>

O mar tem o seu papel importante nos contos de fadas cabo-verdianos e aparece em quase todos deles. Representa a fonte de comida e a autora enfatiza a sua riqueza: “...encontraram mil peixes, baleias e tubarões, cavalos marinhos, conchas e búzios de estranhos feitos...”<sup>54</sup>

A Sereia é uma única personagem fabulosa do conto e representa um elemento sobrenatural que toma conta dos cabo-verdianos e às suas ilhas. Existem várias possíveis interpretações. Sereia poderia ter uma relação com a mãe do Rufino. Com certeza existe uma paralela entre o sonho do Rufino com aquilo que aconteceu ao Mano Léla. Rufino sonhou com uma tempestade incrível, durante a qual mostrou aos portugueses o caminho para às ilhas com a ajuda da cruz da sua mãe. Mano Léla e os outros pescadores também apanharam a tempestade durante a qual Mano Léla ouviu a voz da Djódja: “Toma conta do Rufino! Cuida dele como se fosse teu filho!”<sup>55</sup> Todos sem dano voltaram para ilhas.

A linguagem poética da autora inclui várias figuras sintáticas, como personificações, metáforas, synédoques: “...pela primeira vez a pena fugiu-me para o conto infantil.”<sup>56</sup>, “Mano Léla sentia o peso da responsabilidade das duas barrigas para sustentar.”<sup>57</sup>.

---

<sup>52</sup>BETTENCOURT, Fátima: *A Cruz do Rufino*; Instituto Camões. Centro Cultural Português: Praia – Mindelo, 1998; pág. 3.

<sup>53</sup>Idem; pág. 4.

<sup>54</sup>Idem; pág. 8.

<sup>55</sup>Idem; pág. 17.

<sup>56</sup>Idem; pág. 1.

<sup>57</sup>Idem; pág. 4.

### 3.3 Saaraci, o Último Gafanhoto do Deserto

O último conto de fadas que vamos analisar no nosso trabalho, é construído a partir da narrativa de uma mulher cabo-verdiana (poderia ser a autora pessoalmente), que fala sobre o gafanhoto Saaraci. É preciso mencionar que se trata do conto mais dramático e mais expressivo de todos até agora mencionados. A narrativa pode ser considerada como expressão dum homem que ama à natureza com todas as suas facetas, seja positivas, seja negativas, e que deseja a harmonia entre os homens e a natureza.

Igualmente como nos outros contos, não tropeçamos com o enredo típico, baseado na luta entre o bem e o mal. Neste caso encontramos somente a luta pela sobrevivência. A autora não omite a morte, que faz parte inevitável da vida. Apesar de os gafanhotos encontrarem muitas dificuldades, não desistem e tentam superar os obstáculos da vida. Com a sua diligência e o trabalho duro conseguem atingir à satisfação na forma de vida modesta e isolada do mundo dos homens. A vida em harmonia com a natureza assegura-lhes a vida feliz.

O livro compreende cinco histórias separadas. A primeira parte, e a mais comprida, desenvolve-se nas ilhas e, de fato, trata-se do fim das aventuras do Saaraci, que são narradas por ele nas quatro histórias a seguir. Nós vamos traduzir e analisar apenas a primeira parte, na qual Saaraci narra a aventura dramática do seu tribo dos gafanhotos que antecedeu à vida feliz na ilha. O resto da primeira parte consiste da narrativa da autora sobre o seu encontro com Saaraci e sobre a sua viagem curta ao “país” dos gafanhotos nas montanhas cabo-verdianas. Ela consegue exprimir a fragilidade das relações na natureza. Antes de mais, dedica-se à relação entre a narradora e Saaraci, ou seja ao namorado, à amizade e ao entendimento deles assim como à despedida inevitável.

Para o leitor não cabo-verdiano poderia ser difícil entender algumas palavras regionais da fauna e flora cabo-verdiana. Para ilustrar, mencionaremos as plantas selvagens e exóticas chamadas bombardeiras, que: “...sobrevivem nos mini-oásis da ilha, carregadas de cachos de flores lilazes e de bolas-frutas que escondem sementes prateadas...”<sup>58</sup>

A autora possui grande talento para os detalhes e para as expressões poéticas. Apesar de não ser nativa das ilhas, sentimos que se sente identificada totalmente com o ambiente cabo-verdiano, o qual se tornou a segunda pátria dela. É necessário apresentar alguns exemplos da linguagem figurativa e poética da autora, que presta ao livro um tom maravilhoso: “Primeiro planámos aproveitando os ventos de Leste, unindo as asas,

---

<sup>58</sup>QUEIRÓS, Luisa: *Saaraci, o Último Gafanhoto do Deserto*; Instituto Camões. Centro Cultural Português: Praia – Mindelo, 1998; pág. 5.

transparências sobrepostas.”<sup>59</sup>, “sons finos da flauta, intercalados com suaves percussões – pulsações cadenciadas dum coração amigo que se despede magoado.”<sup>60</sup>, “Uma luz lilaz rodopiava no cimo do tecto cónico e jardins suspensos semeavam as paredes.”<sup>61</sup>

Luísa Queirós dedica-se principalmente às belas-artes e as artes plásticas. A sua pintura distingue-se com cores vivas e a sua linguagem assim como a sua narrativa parecem também construídas de cores vivas e os leitores podem imaginar as cenas naturais como se fossem vivas. Na entrevista com a autora, ela fala sobre a sua pintura: “Já em Portugal optei por me expressar através da figuração mas muito ligada a um simbolismo mágico. No período da ditadura, ao denunciar as injustiças, fazia-o recorrendo a “metáforas” poéticas e coloridas. Em Cabo Verde tenho sido fiel a essa forma de expressão construindo através de imagens o meu universo plástico.”<sup>62</sup>Ao fim do nosso trabalho anexaremos as ilustrações com retratos da aventura de Saaraci e os seus companheiros de própria escritora Luísa Queirós, que são uma obra artística em si.

---

<sup>59</sup>QUEIRÓS, Luisa: *Saaraci, o Último Gafanhoto do Deserto*; Instituto Camões. Centro Cultural Português: Praia – Mindelo, 1998; pág. 7.

<sup>60</sup>Idem; pág. 6.

<sup>61</sup>Idem; pág. 8.

<sup>62</sup>LANÇA, Marta: *Da resistência e da fantasia, entrevista a Luísa Queirós*. (<http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/da-resistencia-e-da-fantasia-entrevista-a-luisa-queiros>); consult. em 16. 6. 2014

## 4 Traduções

### 4.1 A Tartaruginha

#### O ŽELVIČCE

příběh vyprávěný

**Orlandou Amarilis**

Všem dětem z celého světa, které čím dál tím víc rády čtou

#### I

Bylo nebylo, uprostřed oceánu ležel jeden ostrůvek. Zelené byly jeho lesy a hnědá byla země jeho hor. Obepínaly ho pláže, o které se lámaly mořské vlny. Protože byly liduprázdné, každý rok v létě se želvy trousily po celém pobřeží. Poté, co doplávaly na bílý a hladký písek, hledaly skryté místečko, kde by mohly naklást svá vajíčka. Želvy přicházely ve skupinkách. Nejdříve se objevily zelenohnědé hlavičky, které poslouchaly zvuky přírody. Poté, co se ujistily, že se žádný pták ani had nenachází v jejich blízkosti, chodily po pláži a vybíraly si místo, které by bylo tak akorát suché a vyhřáté od sluníčka, aby do něj nakladly svá vajíčka.

Jedna malá **Želvička** rostla a učila se plavat kolem Zeleného ostrova. Potápěla se až na dno průzračné vody, proplouvala jeskyněmi sopečných skal pod ostrovem a hrála si na schovávanou se svými kamarádkami. Jindy zase pozorovala, jak zelené chaluhy přichycené ke skalám tancují na vodě.

Jednoho dne si vzpomněla, že také musí naklást svá vajíčka na pláž. Bude to poprvé, co vyleze na zem a uvidí slunce, zemi a stromy.

**Maminka** ji zavolala a řekla jí:

„**Želvičko**, jednoho dne také budeš muset naklást svoje vajíčka na pláž. Už se na ten den těšíš, že? Já taky, dceruško, ale bojím se. Tenkrát, když jsi poprvé uviděla denní světlo...“

„Ale já nikdy neviděla denní světlo“- přerušila ji **Želvička**.

„Už jsi ho viděla, už ano.“ Řekla **Maminka** a zvedla hlavu, kterou do té doby měla schovanou v krunýři.

„Kdy **Maminko**?“ - zeptala se **Želvička** zvědavě.

„Když jsi se narodila. Opustila jsi svoje vajíčko, šla jsi po pláži a hledala moře. Ale **Sudička**, která se procházela po pláži, se za tebou rozběhla, položila ti ruku na hlavu a řekla:

„Vítej, slavný potomku z rodiny *karetovitých*.“

„*Karetovitých*, **Mami**? To je ale zvláštní jméno!“

„Ano, dceruško, to je naše rasa. Jsme z rodiny *karetovitých*. Této skutečnosti se nevyhneme.“

„Ale já nechci být z rodiny *karetovitých*,“ fňukala **Želvička**. A natahovala moldánky, jako by se měla brzy rozplakat.

„Nebud' hloupá, **Želvičko**. Nemůžeme se zříci toho, co jsme a co jsme zdědili se jménem a rodinou. Je to univerzální zákon přírody. Jsme plazi z řádu *karetovitých*.“

**Želvička** se divila, že maminka zná taková slova jako *karetovití*, *univerzální*...Jaké bylo to další? To už si nepamatovala.

Vklouzla do vody, nechala za sebou oblak písku a zmizela v jeskyni **Krevetky Růženky**. Když v tom ucítila dvě velké ploutve, které ji tahaly ven z jeskyně. Zděšeně vypustila z pusy dvě bubliny a pokusila se kousnout toho, kdo ji takhle tahal.

To maminka **Želva** jí držela za hlavičku.

„Copak nevidíš, že s tebou mluvím? Snad jsi neutekla jen proto, že jsi mě viděla, jak si třeš krunýř o chaluhy nade mnou? Copak nevíš, že chaluhy jsou dobré pro krunýř?“

**Želvička** schovala hlavičku, aby jí maminka nemohla znovu chytit, protože nechtěla mít uši jako králíci nebo opice z pohádek, které jí maminka vyprávěla.

„Dávej pozor, dceruško, a poslouvej, co se ti chystám vyprávět. Když jsi se narodila, sudička **Mirandolina** ti položila ruku na hlavičku a řekla:

„Vyrosteš v těchto vodách a během svého života budeš třikrát napadena. Jestliže unikneš poprvé, budeš o několik let později napadena podruhé. Jestliže unikneš i podruhé, budeš napadena znovu. Potřetí už unikneš pouze díky velkému štěstí.“

**Želvička** nevěděla, co znamená slovo uniknout a nedělala si s tím starosti.

## II

Po nějaké době, kdy se voda pročistila a ohřála, a sluneční paprsky téměř vysušily i vlhký písek omývaný mořskými vlnami, si **Želví kluci** a **Želví holky** hráli hluboko v jeskyních a třeli se o chaluhy, přichycené k sopečným skálám ostrova. A tak jednoho dne **Želvička** poprosila maminku a tety o požehnání a vyrazila vzhůru hledat hladinu.

Když dorazila na pláž, zařící slunce ji oslepilo. Měla spoustu práce s hledáním místa pro vajíčka. Po zemi se pohybovala velmi těžce. To nebylo jako ve vodě. Plazila se, až se jí nakonec podařilo najít suché a teplé místečko. Ryla a hloubila, dokud neudělala velkou díru, do které se posadila.

Byla unavená a zůstala tam sedět. Když se zotavila z cesty po pláži, vstala a s překvapením zjistila, že díra je plná vajíček. Ploutvičkami je rychle zahrabala pískem.

Její spololečnice už byly na cestě zpět do moře, ale ona ještě zůstala a obdivovala banánovníky obsypané trsy zralých banánů a vysoké kokosovníky vysoké tak, že se téměř dotýkaly nebe. A viděla hory a řeky ústící do moře.

V tom ji uviděl **Chlapec**, který se procházel po pláži. Rozběhl se k ní, vši silou ji chytil a začal křičet:

„Haló! Tati, pojd' sem rychle. Hele! Chytil jsem želvu. Uděláme si večer želví řízky. Haló! Tati, pojd'. Z krunýře vyrobíme náušnice a náramky.“

Když **Želvička** zaslechla hrozící nebezpečí, polekala se. Zůstala potichoučku a předstírala, že je mrtvá. **Chlapec** ji proto položil na písek a znovu zavolal na otce. **Vlnčina** pěna se rozlila po pláži, jemně se dotkla **Želvičky** a pošeptala jí:

„Využij toho, uteč, než bude pozdě.“

To, že **Želvička** znovu ucítila **Vlnku** a její pěnu na svých ploutvích, jí dodalo odvahy. Zhluboka se nadechla a dvěma tempy se ponořila do moře.

Když dorazila k **Mamince**, stále ještě těžce oddychovala, ale nic jí o svém podivném dobrodružství neřekla.

### III

Čas plynul a **Želvička** plavala po okolí s **Krevetkou Růženkou** a obě prozkoumávaly hlubiny čedičové jeskyně. Najednou ale ucítila, jak ji chytila obrovská chapadla. Byla vyděšená. Nemohla pořádně dýchat a navíc cítila, jak je obrovskou rychlostí tažena do jeskyně.

Obří a gigantická chobotnice ji svírala v chapadlech a škrtila ji. V tom **Krevetka Růženka** vytušila hrozící nebezpečí a začala skákat ze skály na skálu, aby o tom zpravila své krevetí kamarády.

A ti **Krevetku Růženku**, dobrovolnou hasičku, následovali. Spojili se a začali štípat **Chobotnici** do hlavy.

Také přišel **Krab-dvakrát-vpřed-a-jednou-vzad**, který se natočil tak, aby viděl na krevetky, jak s chutí štípou **Chobotnici** do hlavy. **Chobotnice** cítila štípance a drbala se na hlavě chapadly, aby krevetky odehnala.

Ale **Želvičku** nepustila.

Mezitím **Chobotnice** ucítila mámivou vůni **Kraba**. A jelikož chobotnice zbožňují kraby, odhodila **Želvičku** do vln a v zápětí se vrhla na **Kraba** a zhltna ho.

**Orel**, který plachtil vysoko nad skalnatým pobřežím, uviděl **Želvičku** ve vzduchu. Střemhlavým letem ji chytil do spárů a odnesl si ji doprostřed mraků. Udivené mraky pozvaly **Orla**, aby si odpočinul na měkkoučkých židlích, heboučkých polštářích a nadýchaných matracích. **Orel** ani neodpověděl a letěl a letěl. Letěl tak dlouho, že už byl celý unavený, a tak přestal dávat pozor a **Želvičku** upustil.

Jak tak **Želvička** padala a bez padáku se motala vzduchem, spadla nakonec zády dolů a udeřila svým krunýřem muže s bílým plnovousem do hlavy.

Svalila se do vlhkého písku. Vlekla se, jak jen mohla, až vylezla na velký černý kámen, který se nacházel pár metrů od pláže. Narážely do něho vlny, které se toho dne vzdouvaly vysoko a vlévaly se jedna do druhé.

Byl to prudký náraz. Holohlavý muž s plnovousem bílým jako sníh se chytil za hlavu a spadl na břicho na bílý písek pláže.

Z vršku kamene viděla **Želvička** lidi, jak sbíhají z hor a běží na pláž. Na nohách měli sandály a na sobě bílá roucha. Neuměla říct, jestli to byli muži nebo ženy, protože nikdy neviděla takto oblečené lidi. Obklopili muže s bílými vousy a plačtivě volali:

„Velký **Aischylos** zemřel! Zabila ho želva, která vypadla ze zobáku **Orla**. Velký **Aischylos** zemřel!“

Další postava v bílém ukázala na holohlavého muže a řekla:

„Zemřel náš největší dramatik. Musíme to sdělit vůdci.“

**Želvička** opatrně vytáhla diář, který nosila pod krunýřem a napsala si do něj *dramatik* a *vůdce*. Uschovala si ho, aby se později mohla zeptat maminky na význam těchto slov, která nikdy předtím neslyšela.

Zvedla hlavičku a zavětrila. Vzduch se zdál být tak lehký, že se cítila jako v ráji. Čerstvý vzduch přinášel příjemnou únavu tělu, ploutvičkám a dokonce i příjemné uvolnění krunýři.

Toho vousatého muže položili na bílé a pevné plátno a odnesli ho. Vyprahlé a suché vápencové hory se zazelenaly a zvlhly. Plakaly pro svého pána.

#### IV

**Želvička** zjistila, že to není její pláž a rozplakala se.

**Kámen**, na kterém doposud seděla, řekl:

„Nebreč, **Želvičko**. Vrátila jsi se v čase. Máme rok 456 před Kristem. Ale neboj se, vezmu tě zpět do 20. století, ze kterého pocházíš. Až tam dorazíme, znovu budeš dýchat výfukové plyny.“

„Ale já budu žít až na dně moře“ odpověděla vesele **Želvička**.

„To je pravda“, řekl **Kámen**. „Ale budeš muset uniknout z vod znečištěných tankery, kanalizací a chemikáliemi.“

**Kámen** nebyl **Kámen**, ale **Velryba** ze severních moří. Po těchto slovech prořízla hladinu vody a zmizela za obzorem. **Želvičku** nesla na svých zádech jako na koni. **Želvička** byla ohromená, protože když jí maminka vyprávěla příběhy, tak jí jednou řekla, že **Velryba** je savec ze severu.

**Velryba** vytušila, co se **Želvičce** honí hlavou a řekla jí:

„Nediv se, **Želvičko**, měla jsi štěstí, že jsem byla na svém letním bytě v Egejském moři. Už jsem se chystala vrátit, když jsem uviděla, jak padáš ze spárů **Orla**. Je mi téměř tisíc let a každých šest měsíců jezdím někam na prázdniny. A teď spi.“

Usnula, a když se probudila, mořská voda ji šlehala do krunýře, bolavé hlavy a dobitého těla.

Potopila se pod vodu a narazil do ní **Mečoun Šedivoun**. Přeplavala pláň bílého písku, vyšplhala na pohoří z červených a žlutých lastur.

Ať ale sebevíc plavala, nenašla ani maminku, ani tetičky, ani **Krevetku Růženku**, ani chladnou a hranatou čedičovou jeskyni.

Znovu se rozplakala, a tak chytila zelený a hebký list mořské řasy a utřela si s ním nos. Dvakrát popotáhla.

Hnědý **Platýz** s bříškem jako želé se přiblížil k **Želvičce** a zeptal se jí:

„Proč pláčeš, Želvičko?“

A ona odpověděla:

„Hledám svoji rodinu, kamarády a svůj domov, ale marně.“

„A kdepak je tvůj domov?“ zeptal se **Platýz**.

**Želvička** měla nutkání se rozesmát, protože **Platýz** měl pusou pouze na jedné straně tváře a když mluvil, vypadal, jako by se šklebil.

„Čemu se směješ?“ zeptal se **Platýz** podezřívavě.

„Ničemu.“ řekla. „Tak tedy, bydlím, nebo spíš jsem bydlela, na Zeleném ostrově, kde je moře stejně vlažné jako tady.“

„Aha!“ odpověděl **Platýz** „Zdejší ostrovy jsou také zelené. Jsi na Haity.“

**Želvička** už dál plakat nemohla, a tak se rozhodla čelit situaci. Zeptala se:

„Tak co mám tedy dělat?“

„Podívej“ odpověděl kamarádsky **Platýz**. „Nejlepší bude, když napíšeš vzkaz. Vlož ho do jedné z lahví, kterých je tady, v jeskynní vinárně na dně oceánu, spousta. Moře ji odnese.“

„A potom?“

„A potom budeš jako já. Budeš imigrant.“

„Víc už mi to vysvětlovat nemusíš. Na našem ostrově a v našich vodách máme také emigranty.“

„Dobrá, dobrá“ radil jako nějaký profesor **Platýz**, „neplet’ si emigranta s imigrantem. Později ti to vysvětlím. Prozatím musím jít, jelikož na mě doma čeká polévka.“

**Želvička** vytáhla diář a poznamenala si: *emigrant a imigrant.....zeptat se maminky.*

Potom na velký a hladký list tropické chaluhy trochou barvy, kterou jí půjčila **Sépie Marie**, napsala:

### **Maminko**

Dorazila jsem na Haity poté, co jsem se vrátila do tisíciletí dávných časů. Vrátila jsem se až do roku 456 před Kristem. Poznala jsem Aischyla, bílo-vousatého dramatika, za velmi nepříjemných okolností. Byl podobný takovým těm sochám z mramoru, které leží na dně čedičových jeskyní našeho ostrova. Vzdušné cestování je podivuhodné, akorát moje přistání bylo dost prudké.

**Pan Orel** je dobrý pilot, jenom trochu roztržitý.

Líbá

**Želvička**

**Paní Sépie Marie** přinesla láhev, **Želvička** do ní vložila vzkaz, zazátkovala ji, vynesla na hladinu a nechala ji unášet proudem. Zdálo se, že míří k Zelenému ostrovu.

A potom?

A potom, to už je zase jiný příběh.

## 4.2 A Cruz do Rufino

### RUFINŮV KRÍŽEK

Fátima Bettencourt

Ilustroval Felipe Alçada

Moji malí a milí čtenáři

Myslím, že vám dlužím vysvětlení, ačkoli já sama moc dobře nevím, jak se vlastně stal příběh o **Rufinově křížku**. Jediné co vím je, že se psaní věnuji už několik let a tohle je poprvé, co se mi pero zatoulalo až k pohádce.

Všechno bylo naprosto přirozené, jako když si hraje maminka s dcerkou. A právě v takových chvílích přichází na svět nejvíc pohádek. Moje nejmladší dcerka přišla jednoho dne domů a v ruce držela časopis s vyhlášením literární soutěže, kterou pořádala portugalská ambasáda k příležitosti výročí dne 10. června, dne Camõese, Portugalska a portugalského lidu. Nevěnovala jsem jí pozornost, ale ona pokračovala. Odměnou byl totiž zájezd do Portugalska a setkání s mladými lidmi z celého světa.

Začala jsem ji poslouchat a zeptala jsem se jí, proč se soutěže nezúčastní.

„Jak?“ Odpověděla mi další otázkou. „Když o té zemi nic nevím.“

„Ach! Ale to je tak jednoduché!“ Řekla jsem jí. „Vezmeš moře, kříž a plachetnici a máš všechno, co potřebuješ, abys stvořila příběh, který chytne Portugalce za srdce.“

Ale dcerka mezitím odběhla na hodinu gymnastiky a nechala mě přemýšlet samotnou o moři, plachetnici... a o **Rufinově křížku**, který se zrovna v tom okamžiku zrodil.

Pro kapverdské děti, které se neučí o dějinách Portugalska, bude asi těžké porozumět takovému příběhu, ale určitě budou zvědavé a ze zvědavosti se rodí otázky, na které jim jejich rodiče a učitelé jistě odpoví. A tak lépe poznají národ, který objevil a osídlil ostrovy, na kterých bydlíme, ostrovy, na kterých „málo je chleba a mraků ještě míň“, soustroví Kapverdské.

S láskou

Fátima Bettencourt

## RUFINŮV KŘÍŽEK

Rufino přišel o maminku brzy po svém narození. Uchoval si na ni pouze matné vzpomínky a holý křížek z černého dřeva, který měl zavěšený na krku na kožené šňůrce. Pro nic na světě by se Rufino této památky nevzdal, protože věřil, že mu přináší štěstí.

Otce, toho nikdy nepoznal. Lidé z ostrova říkali, že to byl světlavý námořník, který se v přístavu jen zastavil a zemřel během jedné rvačky v Lombu. Byly to povídačky, které nikdo nemohl potvrdit, a navíc se stále vynořovaly nové a nové verze jeho otcovství. V každém případě se ty modré oči a načervenalé vlasy odněkud vzít musely.

Jednou za čas se mu vybavila matná a zamlžená vzpomínka na maminku, vzpomínka na mulatku s objemnými copánky, která vznikla z povídání lidí, kteří znali Djódju. A tak Mano Léla nepřestával mluvit o Djódje, krásné dívce, kterou dobře znal a kterou měl moc rád, ačkoli ona jeho sympatie neopětovala. Djódja byla velmi oblíbená a určitě by si nevybrala nějakého rybáře, který kromě sebe sama neměl nic víc než pospravovanou bárku, Pláž Loděk a plášť noci. Osvojil si opuštěného Rufina, kterého si zamiloval stejně jako miloval Djódju, na kterou nemohl zapomenout.

Mano Léla cítil tíhu zodpovědnosti za dva hladové krky: svůj a Rufinův, který s ním vyrůstal na Pláži Loděk a byl dítětem všech rybářů. Když se Mano Léla vydával na moře, starali se o Rufina Gregório nebo Djosa, staří mořští vlci, kteří se začali chovat jako správné maminky a krmili ho a vyprávěli mu pohádky před spaním.

Avšak jednoho dne byli všichni příliš roztržití, odjeli rybařit a Rufina nechali spát v loďce přivázané k jedné z kokosových palm na pláži. Probudilo ho slunce, které mu silně svítilo do tváře a on si uvědomil, že na pláži zůstal sám. Před ním se rozlévala zátoka Velkého Přístavu s mořem klidným jako jezero a v dálce na hoře Monte Cara visel ohnivý míč.

„To je ale nádhera! Nikdy jsem nic takového neviděl! A je tam něco, co mě k sobě láká. Co to je? Uvidíme.“

A Rufino vstoupil do klidného a tichého moře zálivu a šel a šel dokud se mu ten oranžový míč neztratil z očí. Protože ještě nikdy v životě žádný míč neměl, zatoužil po něm...

Rozladěně se kolem sebe rozhlížel a v tom uslyšel, jak ho volá tichounký hlásek:

„Rufiiiiino! Rufiiiiino!“

Otočil hlavu a uviděl ji nad vodní hladinou. Měla dlouhé vlasy, kulatá ňadra odhalená a dlouhý rybí ocas jí pokrývaly stříbrné šupiny.

Zmateně se jí zeptal:

„Kdopak jsi?“

„Jsem mořská panna Sereia, královna těchto moří. Pojď se mnou, tak pojď.“

Rufinovi se zdála tak krásná a svůdná, že jí podal ruku a vydali se spolu na širé moře.

Proplovali vlnami, potkávali tisíce ryb, velryb a žraloků, mořské koníky, mušle a škeble nejrůznějších tvarů, ale v tom se najednou nebe zatáhlo. Přišla bouře. Déšť, blesky a valící se vlny divoce běsnily.

Rufino se schoulil do Sereiiny náruče a mořská víla začala zpívat píseň tak krásnou, až se tomu Rufino divil:

„Proč zpíváš během tak strašlivé bouře?“

„Abych uklidnila vlny. Ony mne slyší.“

„Ale jestliže tě slyší, znamená to, že bys měla vědět, proč jsou rozzlobené.“

„Samozřejmě, že to vím. Je to kvůli cizincům, kteří sem bez varování připluli. Myslím ale, že tentokrát jde o vyjímečné cizince. Uvidíme.“

A jakmile pronikli mlhou, uviděli loď bojující s běsnícími vlnami. Prkna, lana a plachty skřípěly a statečně odolávaly. A tak Sereia, svým čarovným hlasem, který je slyšet všude po celém oceánu, povídá:

„Kdo je na palubě?“

Objevil se námořník přivázaný na laně, mžoural do mlhy a odpověděl:

„Jsem Diogo Gomes. Dostal jsem se spolu se svými muži do bouře, jakou ještě nikdo nikdy nezažil a nemáme jídlo ani pití. Jsme zoufalí. Jak jen to našemu portugalskému králi vysvětlím.“

Na to Sereia přívětivě odpověděla:

„Aha! Tak vy jste Portugalci! Takže nejste cizinci, jste přátelé. Buďte vítáni v mém království.“

A obrátila se zpět k Rufinovi:

„Ukaž příteli Diogovi cestu.“

Rufino se polekal a zůstal chvilku zmateně stát, ale pak si vzpomněl na křížek, který nosil na krku a který ho v nesnázích chránil. Chytil ho, natáhl ruku do výšky a řekl:

„Diogo, následuj tento křížek, protože ten se nikdy nesplete.“

A tak pluli širým mořem přímo za nosem, jako by jeli po mořské cestě, až dopluli do klidných, modrých a průzračných vod zálivu. Zakrátko již kráčeli horkým pískem pláže plné palem obsypaných kokosovými ořechy, kterými námořníci okamžitě zahnali žízeň.

„Vzbud' se, vzbud' se chlapče. Pořád ještě spíš?“

Byl to hlas Mana Lély, který se pozdě v noci vrátil z rybaření. Neušlo mu, že se Rufino ani nedotkl smaženého sledě, kterého mu nechal na pánvi.

Rufino se vzbudil, promnul si oči a podíval se na Mana Lélu ve světle petrolejové lampy, kterou před větrem chránila stará plechovka.

A rozpovídal se o věcech, které starému rybáři nedávaly vůbec smysl:

„Kde je moje kamarádka Sereia?“

„A námořníci, které zastihla bouře?“

Mano Léla nerozuměl ničemu. Láskyplně ho pohladil a řekl:

„Víš, Rufino, asi jsi byl moc dlouho na slunci a to ti neudělalo dobře. Mluvíš úplně z cesty.“

Obejmul chlapce a přikryl ho svým starým kabátem z hrubé vlny, aby ho ochránil před noční rosou a pokračoval:

„Rufino, dneska jsi byl chvíli bez svého Mana Lély. Spolu s Gregóriem a Djosou nás tam směrem od Ilhéu zastihla bouře, jakou jsem ještě nikdy v životě neviděl. Tma, déšť, víchr a blesky... A pak se se stalo něco hrozně zvláštního. Zdálo se mi, jako bych zaslehl Djódjin hlas, který mi řekl: „Starej se o Rufina! Pečuj o něj, jako by to byl tvůj vlastní syn!“ Úplně mě to překvapilo, ale horší bylo, že Gregório a Djosa nic neslyšeli. Nevím jak, ale ta bouře zmizela stejně rychle, jako se objevila a my jsme se vrátili zpět na pevninu.“

Přerušil své vyprávění, protože viděl, jak chlapci ztěžklo tělíčko a pravidelně oddychuje, a tak mu došlo, že chlapec opět upadl do spánku. Něžně se na něj podíval a všiml si, že mezi prstíky svírá dřevěný křížek od maminky.

### 4.3 Saaraci, o Último Gafanhoto do Deserto

#### SAARACI

poslední saranče z

#### POUŠTĚ

napsala a ilustrovala

LUÍSA QUEIRÓS

Celé ráno jsem strávila s **Matildou**, starou želví kamarádkou, která má krásné ženské oči a stejně jako já, ráda navštěvuje Velkou pláž.

Smály jsme se a hrály jsme si v průzračné, ale neklidné vodě, a potom jsme odpočívaly v chladné jeskyni Pěti zlatých kapek.

Dělila se se mnou o novinky a „klepy“ ze života kamarádů **Axira**, **Artie** a **Némise**, kteří obývají město potopené v moři ostrovů. Ale hlavně jsme dojatě vzpomínaly na jednu zvláštní příhodu, která se nám stala už před mnoha lety a Matilda mě znovu a znovu vytrvale prosila, abych ten příběh napsala...

Tentokrát mě přesvědčila a proto tento příběh věnuji

Želvě Matildě Sofii

a všem dětem bez ohledu na věk

## **Saaraci**

Před mnoha a mnoha lety zaplavila sever Afriky mračna sarančat, která snědla všechno, na co přišla.

Lidé si nepamatovali, že by je kdy stihla podobná pohroma, a tak hnali sarančata pryč těmi nejstrašnějšími způsoby.

Vrtulníky rozstříkovaly insekticidy a používaly se pasti, klacky a dokonce i hejna kachen a slepic!

Z pohledu lidí je to otázka přežití!

Z pohledu sarančat je to také otázka přežití! Vždyť co špatného ve skutečnosti provedla?

Vždyť se jen narodila a rostla po tisících. A jen jedla, což potřebovala k přežití. A milovala se a měla spoustu dětí a byla moc a moc šťastná!

Cožpak stejně nekončí příběhy lidí?

A přesně takový byl názor sarančete s černýma třpytivýma očima na úzké tváři básníka, sarančete zářícího všemi odstíny zelené, oranžové a žluté.

Jmenoval se Saaraci a poprvé jsem ho uviděla, když se schovával v seschlém plodu sodomského jablka v písčinách Dlouhé řeky.

Byl hodně vysoký, mnohem větší než ti, co pocházeli z ostrova a už dávno vymizeli. A pouze mně se po dlouhé době našeho namlouvání svěřil.

Objevila jsem ho na jedné ze svých procházek nekonečnými dunami, během které jsem obdivovala a kreslila sodomské jabloně, divoké rostliny přežívající v malých oázách, obsypané trsy fialových květů a spoustou kulatých plodů, které ukrývají stříbrná semena.

Byla jsem ohromená, protože už mnoho let podobný hmyz nikdo nespatriil. Tenkrát jsem se k němu z opatrnosti nepokusila ani přiblížit.

Následující dny jsem se vracela a tajně ho pozorovala. Nechávala jsem mu drobné dárky ve skrýši uvnitř plodu, kreslila jsem ho a z povzdálí se s ním laskala.

Jednou odpoledne jsem ležela na teplém písku a pozorovala jsem měnící se mraky. Jen tak pro radost jsem si z těch obrazů vymýšlela příběhy smutné i veselé, když v tom mi najednou na skicáku přistálo to nádherné saranče.

Přestože jsem po takovém okamžiku už dlouho toužila, tak mě jeho náhlé zjevení vylekalo. A ještě ke všemu ke mně promluvil posunkovou řečí a dokonce i zvuky!

Do tabulek z červené hlíny, které pod rostlinami tvořily mozaiku země rozpraskané suchem, začal dělat symboly, úplně jako písař.

Tenoučkým hláskem mi vysvětloval význam každého obrázku, a tak jsem krůčkem za krůčkem luštila jeho příběh.

Po několik dní se vše opakovalo. Zaznamenávala jsem si, co říkal a tabulky jsem si fotografovala.

Byla to úchvatná zkušenost a já dodnes s posvátnou úctou ochraňuji důkazy tohoto jedinečného setkání.

Ujistil mě, že je jediný, kdo přežil toto dobrodružství, o kterém budu vyprávět, ale já jsem si byla jistá, že tomu tak není.

Určitě má svůj klan dobře ukrytý, tam někde u Tiché Hory, protože jsem ho nejednou viděla přenášet semínka obalená stříbrným chmýřím směrem k vysoké hoře.

A tak, jakmile dovyprávěl, zanechal mě samotnou. Po tolika důkazech přátelství náhle přerušil všechny důvěrnosti. A já jsem ho chápala. Chránil budoucnost svých druhů, a proto skutečnost obestřel závojem tajemství.

Potom už jsem jeho přítomnost vycítila pouze díky hudbě, kterou mi z dálky hrál: tenké zvuky flétny prokládané jemným ťukáním – rytmickými údery srdce přítele, který se smutně loučí.

Teď se ale podívejme na to, co mi výprávěl.

### **Saaraci:**

„Jmenuji se **Saaraci**. Narodil jsem se v Libii blízko Tazirba a žil jsem šťastně se svými blízkými a sousedy, než se nás jednoho dne lidé rozhodli vyhubit.

Ve zbrklém úprku jsme museli překonat Saharu a nezastavili jsme se dokud země neskončila a před námi se neobjevila nová, ohromná a nekonečně pustá věc – Moře!

Za námi zůstaly města a vesnice lidí... pronásledování a smrt.

Co bylo před námi... další smrt v podobě neznámé modři?

Proč ne život ve vysněné zeleni?!

Nakonec zvítězila odvaha.

Naše mračno se vzneslo a na okamžik zakrylo Slunce. Pětkrát se ve vzduchu otočilo, rozloučilo se se Starým Světem a nakonec se pustilo vzhůru za dobrodružstvím.

Nejdříve jsme využívali východních větrů a plachtili jsme na průsvitnosti do sebe vzájemně zaklesnutých křídlech. Pak ale začaly vanout nepříznivé větry a mnozí už nemohli, spadli do moře a utonuli, stále však s tělíčky do sebe zapletenými.

Mysleli jsme si, že někde uprostřed té modré pouště musí být oáza, která nás zachrání, ale bohužel se na obzoru neobjevilo vůbec nic a my jsme celí sklíčení stále více ztráceli naději.

A v tom mě něco napadlo. Na moři se vznášely obrovské skvrny. Byli to mrtví druzi, kteří pluli společně unášeni proudy. Proč nevyužít takových vorů a nenechat se unášet rukou osudu?

A tak jsem tu zprávu šířil od skupinky ke skupince. Když všichni souhlasili, snesli jsme se dolů, abychom si odpočinuli na ostrovech spásy. Po mnohých strastích jsme konečně dorazili do Země Zaslíbené, na ostrov Spícího obra, ten, na kterém teď žijí!“

A tak zakončil **Saaraci** své vyprávění, během kterého schválně vynechával některé detaily. Už tím, že se mi ukázal, hodně riskoval.

Samozřejmě, že jsem se toužila dozvědět mnohem víc. Co neobvyklého se stalo během dlouhé plavby? Kde se ukrývají a žijí ostatní?

Ale nezbylo mi, než ho chápat.

Na jeho památku jsem vytvořila sochu, která se pohupuje v závanech větru.

Je vytvořená ze sítí průhledných jako ta nejkrásnější křídla, z moře a písku, modrého, žlutého a zeleného, z voňavého dřeva a průsvitných ulit.

A když se pohupuje, ozývá se sladká a monotónní hudba.

Položila jsem ji do zahrady, obklopené exotickými květy z podmořského města, které mi dávala Matilda.

Tím příběh ale nekončí.

Čas plynul a já jsem skoro zapomněla na svého malého přítele. Také jsem změnila trasu svých výletů a odvážila jsem se vylézt na Zelenou Horu. Stařenky říkají, že tato hora ukrývá podivuhodné tajemství. Vnitřek je prý celý z vody! Často je z nitra slyšet hučení obrovských vln! Běda tomu, kdo by se odvážil prorazit skálu! Celý ostrov by byl zatopen!

A tak jsem s velkou úctou procházela jeskyněmi a chodbami osvětlenými podivnými výklenky a opravdu jsem uslyšla vzdechy neviditelné vody.

Najednou jsem se ocitla na vyvýšenině pod širým nebem. Abych se dostala k hoře před sebou, musela jsem přejít křehký most z kmenů červeného akátu pospojovaných popínavými rostlinami. Černé čedičové propasti hluboko dole vyzývaly k poslednímu skoku, k vytouženému vysvobození... ale já jsem ještě nebyla připravená letět, a tak jsem rychle přešla přes most a klikatými pěšinami jsem stoupala k dalším a dalším jeskyním.

Ta třetí, kterou jsem navštívila, byla nejzajímavější. Fialkové světlo vířilo na vrcholku kuželovitého stropu a visuté zahrady oživovaly stěny. Kdybych bývala nešplhala do strmých skalnatých svahů, mohla bych si myslet, že jsem vstoupila do nějakého krásného domu v křišťálovém městě na dně Oceánu. Byla tam dokonce hromada nadýchaného písku, která sváděla k odpočinku, a tak jsem se do ní zavrtila a usnula jsem.

Probudila jsem se a přestože hodinky ukazovaly hlubokou noc, jeskyně stále světélkovala. Kolem mě byly v řadách narovnané tabulky z hlíny podobné těm, které jsem si tenkrát fotografovala. Tyhle však byly mnohem lépe vytvarované, vypadaly odolněji a měly mnohem lepší kresbu.

A najednou, jako zázrakem, čáry máry fuk... objevil se **Saaraci**.

Kdyby byl větší, obejmula bych ho a políbila, ale že byl tak křehký, nechala jsem ho pouze uvelebit se mi na dlani. Dala jsem si ho co nejbliž k obličeji a z očí do očí jsme sdíleli radost z našeho podivuhodného shledání.

Pověděl mi, jak bolestivé i pro něj naše odloučení bylo, a že mě z dálky tajně sledoval. Nejdříve se prý vyděsil, když zjistil, že se mu tady někdo potuluje. Když však zjistil, že jsem to já, velice se zaradoval.

Zatímco jsem spala, rozhodl se mě potěšit, a tak mi připravil překvapení v podobě výstavy svých rytin. Tentokrát na nich byly všechny podrobnosti jeho dobrodružství.

Zůstali jsme vzhůru nekonečně dlouho, necítili jsme hlad ani žízeň, jenom jsme si užívali jeden druhého.

Konečně jsem se dozvěděla úplně všechno, byla jsem nadšená.

A tak mě nechal navštívit svou „zemi“ a svůj lid a odhalil mi veškerá svá tajemství a záhady.

V rozvalinách skal chráněných proti větru a spalujícím vedrům se nacházely jejich domy. Vypadaly jako kulaté chaloupky, měly krásné střechy a byly postavené ze směsi červené hlíny a vláken ochmýřených semen sodomského jablka.

„Kdo vás naučil tak zajímavé architektuře?“ zeptala jsem se obdivně.

„Vosy kutilky. Jsou to příbuzné včel a používají ty stejné materiály ke stavění svých hnízd.“ Odpověděl mi spokojený **Saaraci**.

Stali se z nich zruční zemědělci. Pěstovali zeleninu a obhospodařovali šikovně skryté zahrádky. Všimla jsem si malých políček chrastice, sóji, čiroku, ječmene a dalších obilovin.

„Kde jste získali semínka tolika rostlin?“

**Saaraci** se zasmál a připomněl mi časy, kdy poprvé dorazili na ostrov a byli nuceni za nocí „navštěvovat“ klece městských ptáků, andulek, papoušků a dalších opeřenců. A pokud jim lahodná semínka nechtěli dát po dobrém, tak jim je ukradli!

Část jim posloužila k jídlu a část zasadili. A když se všechno zazelenalo, rozkvetlo a obsypalo plody, už nikdy se nemuseli vrátit do města.

A co voda, jak asi zavlažují všechna ta políčka? Jestlipak to nebude ze skrytých horských pramenů?

Kdepak! Jak by jim bůh mohl odpustit, kdyby znevážili takový zázrak!

A šel mi ukázat zvláštní „udělátka“ vestavěná do mezer ve skalách. Těmito přírodními chodbičkami neustále proplouvaly mraky tvořené milióny kapiček vody.

Vedoucí vškerých prací nebyl nikdo jiný než **Aracnê**, kamarádka pavoučice a zároveň moje první učitelka pletení! Byla velmi překvapená mou přítomností na tomto místě, a tak mi přichystala velkolepé přivítání.

Z pevných vláken tvořených slinami neustále spřádala pevné sítě různých tvarů a velikostí. Některé měly velká oka, jiné byly pevně utažené. Nejmladší sarančátka jí pomáhala všet sítě napříč chodbičkami a tímto způsobem je zatarasit. Mraky procházely skrz sítě, ve kterých se schromažďovaly neustále rostoucí kapky vody, které se spojovaly dohromady a rychle stékaly do schovaných nádržek uvnitř jeskyní.

**Saaraci** byl potěšený mojí chválou a udělal před schopnou inženýrkou **Aracnê** velikou piruetu. Měla jsem hroznou radost ze všeho, co jsem tady viděla a moc mě potěšila srdečná společnost, přívětivost a tvořivost malých hmyzích kamarádů.

Bohužel jsem se musela vrátit zpět do světa lidí, kteří už na lásku a poezii povětšinou zapomněli.

Vrátili jsme se zpět do jeskyně s věčným světlem. Rozloučit se přišli úplně všichni. Staří hrdinové z dávného putování pouští, kteří se díky bohům ochranitelům stali nesmrtelnými, ale také mladé generace již narozené na vysněném ostrově.

Sedla jsem si doprostřed a oni se kolem mě shromáždili. Nechyběla ani **Aracnê**, ani vosy kutilky a dokonce se objevili i kamarádští mravenci.

Ve vzduchu byla opět cítit přítomnost hudby, směs bublání vody se vzdechy větru doprovázených zvuky magických fléten, na které sarančata hrála.

Mé srdce jako by se chtělo rozpúlit. Musela jsem odejít, ale chtěla jsem zůstat!

Donesli mi čistou vodu ovoněnou mátou a sójové koláčky s rozmarýnem. Darovali mi své vzácné tabulky zobrazující všechny jejich vzpomínky a příhody!

Snažili se mě povzbudit. Že prý se určitě znovu setkáme a naše přátelství nikdy neskončí...

A tak jsem se vydala zpět k domovu. Cítila jsem, jak mě všichni doprovázejí. Přešla jsem křehký most, zastavila jsem se a bez hnutí jsem zůstala stát zády k mostu. Zavřela jsem oči, abych se nerozbrečela!

V tom jsem uslyšela mohutné zapraskání a otočila se. Most pospojovaný z kmenů červené akácie a popínavých rostlin se snášel do propasti a skály tak vypadaly, jako by se ještě více oddálily.

Návrat nebyl možný. Všichni odešli, až na **Saaraciho**, který mi mával větvíčkou bugenvily.

Opatrujte se, kamarádi!

Ochraňujte svůj malý Ráj!

## Conclusão

Visto que a literatura de Cabo Verde permanece bastante desconhecida, tentámos aproximá-la ao público leitor checo, não só através das traduções para o checo, mas também tentámos criar o retrato compreensivo da literatura cabo-verdiana.

Devido às condições geográficas e acontecimentos históricos descobrimos, que a insularidade, a seca, a fome e a emigração são os fatores que mais influenciaram a literatura. A diferença entre Cabo Verde e os outros países africanos de língua portuguesa é dada não só pelo caráter insular de Cabo Verde, mas também pela falta dos habitantes nativos antes da colonização das ilhas pelos portugueses. O povo crioulo surgiu da fusão entre as várias culturas africanas com a cultura europeia, sobretudo portuguesa, holandesa e francesa.

Familiarizámo-nos com o desenvolvimento da literatura através do tempo e chegámos até ao século XX que foi marcado pelo maior movimento da consciencialização nacional e que finalmente resultou em 1975 na fundação da República de Cabo Verde.

A literatura contemporânea é bem diversa, mas nós escolhemos como ponto de maior interesse a literatura feminina e as escritoras, que nos últimos anos têm sido interessadas em recolher narrativas com origem na transmissão oral e na criação de literatura para crianças. Hoje em dia o arquipélago passou por mudanças sociais e económicas com o resultado do desaparecimento gradual das formas tradicionais da transmissão oral, o que resulta nas tentativas para captar as narrativas tradicionais e preservar a herança nacional para as próximas gerações.

Apesar de que a primeira vista a cultura cabo-verdiana pareça muito romântica e exótica, sentimos que a realidade é diferente. A vida nas ilhas não é fácil e a luta pela sobrevivência penetra em qualquer expressão cultural cabo-verdiana. Este tom, um pouco dramático, é escondido até nos contos de fadas, na literatura dirigida aos mais pequenos.

Quanto aos contos de fadas que analisámos no nosso trabalho, descobrimos que se diferem bastante da forma típica e universal dos contos de fadas europeus. A ação principal consiste na luta pela sobrevivência causada pelos problemas naturais. Os contos de fadas são sempre instalados no verdadeiro meio cabo-verdiano e o uso de expressões regionais é bastante frequente. Apesar disso, os recursos literários correspondem com a linguagem própria para contos de fadas compreendendo linguagem poética, estruturas típicas que abrem a narrativa ou expressões metafóricas e metonímicas.

Porém este mergulho na problemática da literatura cabo-verdiana é muito superficial e insuficiente- Não é de surpreender que este trabalho estimulou em mim o interesse na cultura

e na vida cabo-verdiana. Julgo que valia a pena aprofundar este tema no futuro e completar todas as traduções da coleção “Livros infanto-Juvenis”<sup>63</sup> de tal forma que seja possível publicá-las na língua checa.

---

63

Edição de sete contos de fadas cabo-verdianos, editados pelo Instituto Camões-Centro Cultural Português da Praia

## Resumé

Kapverdská literatura bezesporu patří k menšinovým, neprávem opomíjeným literaturám. I když se její problematikou zabývá nespočet publikací v rámci portugalsky mluvících zemí a zájem o ni, stejně jako o ostatní portugalsky psanou africkou literaturu, stále roste, u nás zůstává téměř nepovšimnuta.

Proto je cílem této práce seznámit čtenáře nejen s vývojem literatury na Kapverdských ostrovech, ale také nastínit sociokulturní a historický kontext, který je nezbytnou součástí kapverdské literatury. Kapverdy během své pětisetleté historie prošly řadou sociokulturních změn a vyvinul se zde národ, který musel dnes a denně odolávat přírodním katastrofám v podobě ničivých období sucha následovaných hladomory, které měly za následek emigraci neuvěřitelných rozměrů. To vedlo k vytvoření kapverdské diaspory větší, než je počet obyvatel na samotných Kapverdách. Všechny tyto faktory se projevují v kapverdské literární tvorbě a vytvářejí tak specifický literární odkaz kapverdského národa.

Práce se zaměřuje na vývoj literatury od koloniálního období, přes proces národního sebeuvědomění, až po období současné literatury. V rámci současné literatury je hlavní důraz kladen na dětskou literaturu ženských autorek, které se aktivně podílejí na snaze zachovat tradiční kapverdskou lidovou slovesnost, jejíž kořeny sahají až na africký kontinent.

Pro ilustraci je práce doplněna překlady tří kapverdských pohádek a jejich literární analýzou. Kapverdské pohádky se vyznačují svou netradiční strukturou a pojetím a jsou výrazem kapverdské národní identity a součástí kulturní tradice.

## Summary

The Cape Verdean literature and culture is not well known in the world. The fact that Cape Verdean authors mostly use Portuguese language as a written language can mean a barrier in the process of spreading the literature among the wider audience of readers. That is why the aim of our theses is to give the Czech audience a look into the topic and spread an interest in this exotic country's culture.

First of all, we will mention the sociocultural and historical background, which creates an essential part in the process of the development of the literature. The country was exposed to many problems throughout the centuries, especially the droughts followed by famines and emigration have influenced the Cape Verdean people and culture.

The most important part of the theses focuses on the women writers and the children's literature which is based on the traditional oral literature of African origin. To illustrate the theoretical part of our thesis we will enclose the analysis and translations into the Czech language of three children's stories.

## **Anotace**

**Jméno a příjmení autora:** Kateřina Sobková

**Název fakulty a katedry:** Filozofická fakulta, Katedra romanistiky

**Název bakalářské práce:** A literatura cabo-verdiana: Os contos de fadas

**Vedoucí bakalářské práce:** Mgr. Kateřina Ritterová, Ph. D.

**Počet znaků:** 84 529 (bez mezer)

**Počet příloh:** 35

**Počet titulů použité literatury:** 33

**Klíčová slova:** Kapverdy, literatura, historie, kreolština, africká literatura, dětská literatura, pohádky

**Abstrakt:** Bakalářská práce se zabývá vývojem literatury na Kapverdských ostrovech a její specifičností. V první části se seznámíme s historickým vývojem země a s jejím sociálně-kulturním kontextem ve vztahu k literatuře. Další část se věnuje vývojem literatury od koloniálního období až po současnost, kde hlavní bod zájmu tvoří dětská literatura a tvorba ženských autorek. Třetí a čtvrtá kapitola se zaměřuje na praktickou stránku kapverdské literatury. Obsahuje české překlady tří kapverdských pohádek a jejich stručnou analýzu.

## Bibliografia

AMARÍLIS, Orlanda: *A Tartaruginha*; Instituto Camões. Centro Cultural Português: Praia – Mindelo, 1997

BETTENCOURT, Fátima: *A Cruz do Rufino*; Instituto Camões. Centro Cultural Português: Praia – Mindelo, 1998

*Cape Verde Islands*. Handbooks prepared under the direction of the Historical Section of the Foreign Office. No. 117: London, 1920

ČAPEK, Karel: *Marsyas čili Na okraj literatury*; Praha, 1971

FERREIRA, Manuel: *Hora di Bai*; edição do autor: 1962

FERREIRA, Manuel: *Literaturas africanas de expressão portuguesa – I. 2.<sup>a</sup> edição*; Instituto de Cultura e Língua Portuguesa: Lisboa, 1986

FERREIRA, Manuel: *Morna*; edição do autor: 1948

FERREIRA, Manuel: *O discurso no percurso africano I*; Plátano Editora: Porto, 1989

FINEGAN, Ruth: *Oral literature in Africa*; Open Book Publishers CIC Ltd: United Kingdom, 2012

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda: *Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*; Caderno CESPUC de Pesquisa, 2007

GOMES, Simone Caputo: Cabo Verde: *Literatura em chão de cultura*; Ateliê Editorial: Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008

GOMES, Simone Caputo: *Literatura e Trajetória Social das Mulheres em Cabo Verde: A Escrita de Autoria Feminina ou um Outro Olhar Sobre o Arquipélago*; Instituto de Investigação Científica Tropical; Lisboa, 2013

GOMES, Simone Caputo: *Tradição Oral Africana e Literatura no Contexto Escolar*. (<http://www.simonecaputogomes.com/ppt/Tradicao%20oral%20africana.pdf>); consult. em 5. 3. 2014

GONÇALVES, António Aurélio: *Antologia da Ficção Cabo-verdiana contemporânea*; Praia, Cabo Verde, 1960

KLÍMA, Jan: *Kapverdské ostrovy, Svatý Tomáš a Princův ostrov*; Stručná historie států: Libri, 2008

KLÍMA, Jan; VÍTEK, Jan: *Kapverdy znovu objevené*; Paradise Studio: Hradec Králové, 2002

LANÇA, Marta: *Da resistência e da fantasia, entrevista a Luísa Queirós*. (<http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/da-resistencia-e-da-fantasia-entrevista-a-luisa-queiros>); consult. em 16. 6. 2014

LARANJAIRA, Pires: *Literaturas africanas de expressao portuguesa*; Universidade Aberta: Lisboa, 1995

LOPES, Manuel: *Reflexões Sobre a Literatura Cabo-Verdiana ou a literatura nos meios pequenos*; Colóquios cabo-verdianos: Lisboa, 1959

PASSOS, Joana Filipa da Silva de Melo Vilela: *Postcolonial and Feminist Dialogues in a Comparative Study of Indo-English and Lusophone Women Writers*; 2003. (<http://dspace.library.uu.nl/bitstream/handle/1874/620/full.pdf>); consult. em 25. 2. 2014

QUEIRÓS, Luisa: *Saaraci, o último gafanhoto do deserto*; Instituto Camões. Centro Cultural Português: Praia – Mindelo, 1998

RAMALHO, Christina: “*As Mulheres que meu Pai Amou*”, *Mulher e Cultura Caboverdianas no Conto de Fátima Bettencourt*; Revista Ártemis, Vol. 10, Jun 2009, p. 45-58; (<http://132.248.9.34/hevila/RevistaArtemis/2009/vol10/3.pdf>); consult. em 21. 6. 2014

RIBEIRO, Orquidea Moreira: *Folclore de Cabo Verde entre continentes: Elsie Clews Parsons e a Tradição Oral Cabo-verdiana*; Revista de Letras, Vol. 5, No. 2, 2012. (<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/viewArticle/3856>); consult. em 5. 3. 2014

RODRIGUES, Isabel Fêo P. B.; SHELDON, Kathleen: *Cape Verdean and Mozambican Woman's Literature: Liberating the National and Seizing the Intimate*; African Studies Review, Vol. 53, No. 3, 2010. (<http://www.jstor.org/discover/10.2307/40930967>); consult. em 18. 2. 2014

ROSÁRIO, Lourenço Joaquim da Costa: *Narrativa africana de expressao oral*; Instituto de cultura e lingua portuguesa: Lisboa, 1989

SALÚSTIO, Dina: *Mornas eram as noites*; Instituto Camões. Colecção Lusófona, 1999

SILVEIRA, Onésimo: *Consciencialização na literatura caboverdiana*; Edição da Casa dos Estudantes do Império: Lisboa, 1963

*Experiências Femininas No Quotidiano Crioulo*. (<http://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/221-experi%C3%AAs-femininas-no-quotidiano-crioulo>); consult. em 16. 6. 2014

*Livro di Terá*. (<http://livroditera.blogspot.cz/>); consult. em 20. 2. 2014

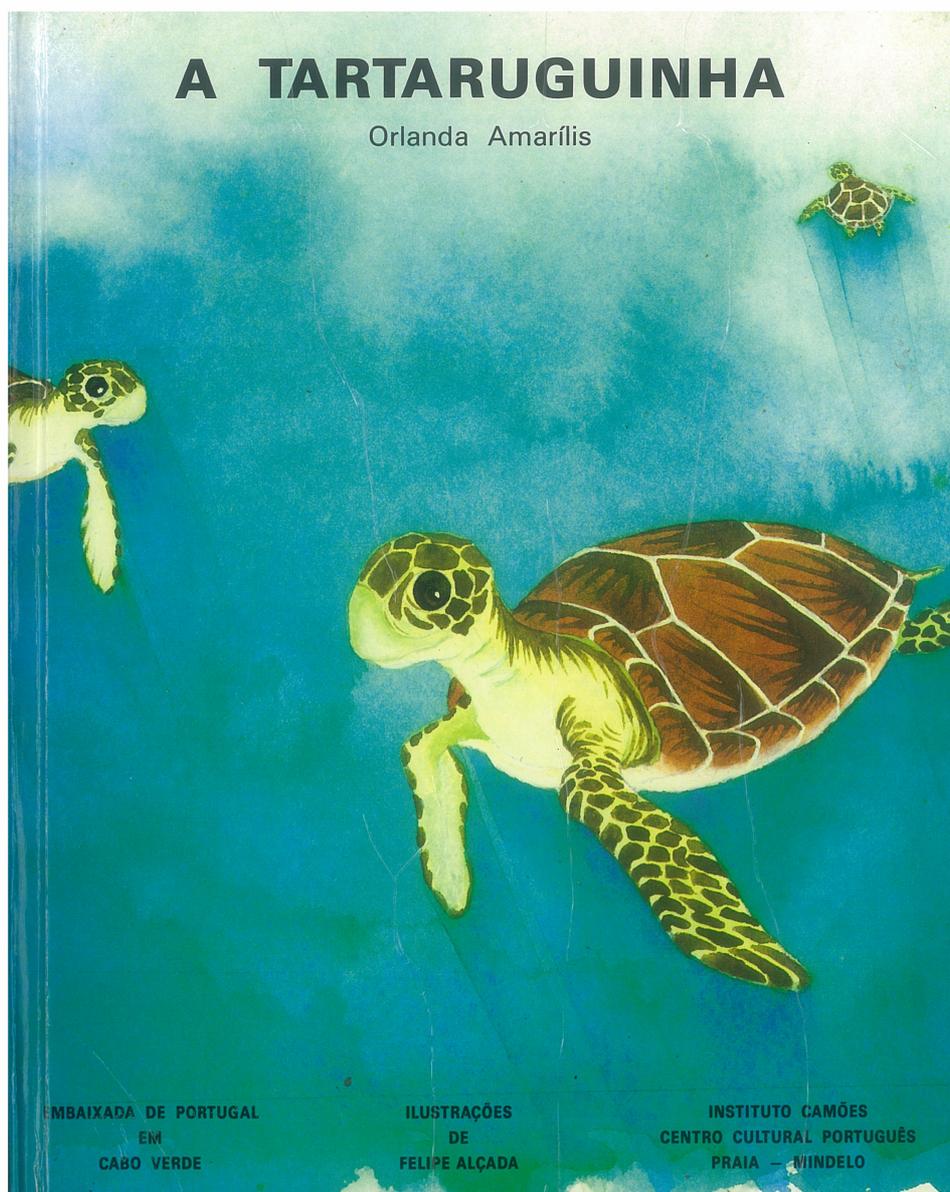
*Orlanda Amarílis*. ([http://www.infopedia.pt/\\$orlanda-amarilis](http://www.infopedia.pt/$orlanda-amarilis)); consult. em 10. 6. 2014

*Simone Caputo Gomes: Amar Cabo Verde*. (<http://www.simonecaputogomes.com/cultura.htm>); consult. em 18. 2. 2014

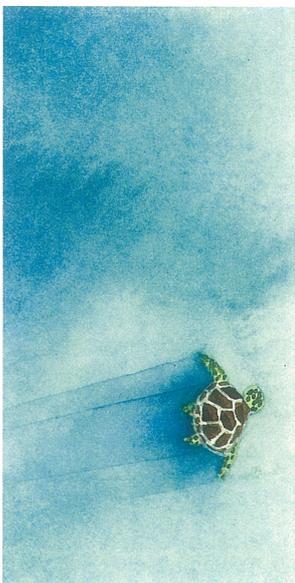
*Um certo olhar*. (<http://fatimabettencourt.blogspot.cz/>); consult. em 16. 6. 2014

*Women writing Africa*. (<http://aflit.arts.uwa.edu.au/FEMECalireLU.html>); consult. em 19. 2. 2014

## Apêndice



**A TARTARUGUINHA**  
por  
**Orlanda Amarílis**



Ilustrações  
de  
**Felipe Alçada**

**Embaixada de Portugal**  
em  
**Cabo Verde**

**Instituto Camões**  
**Centro Cultural Português**  
**Praia-Mindelo**

**A TARTARUGUINHA**  
história contada  
por  
**Orlanda Amarílis**

aos meninos de todo o mundo que gostam de  
ler sempre mais e mais

## I

Era uma vez uma ilha no meio do oceano. Verdes as suas matas e castanha a terra das suas montanhas. Ao longo da ilha havia praias onde o mar se quebrava. Como eram desertas, todos os anos pelo Verão as tartarugas espalhavam-se pela costa. Depois de aportarem na areia branca e fina, procuravam sítio recatado para aí deixarem os seus ovos. As tartarugas vinham em grupos. Primeiro assomavam a cabecinha verde e castanha, escutavam todos os sons da natureza. Depois de se assegurarem que nenhum pássaro, nenhuma cobra andava por perto, caminhavam pela praia e escolhiam um sítio bem seco, batido pelo sol e aí punham os seus ovos.

Uma **Tartaruguinha** crescera e aprendera a nadar à volta da Ilha Verde. Mergulhava quase até ao fundo da água límpida, deslizava nas rochas vulcânicas das grutas por baixo da ilha e brincava às escondidas com as companheiras. Outras vezes ficava a ver as algas verdinhas presas às rochas, a dançarem na água.

Um dia lembrou-se. Também teria de pôr os seus ovinhos na praia. Seria a primeira vez que ia ver bem como era o sol, a terra, as árvores.

A Mãe chamou-a e disse-lhe:

- “**Tartaruguinha**, qualquer dia tens também de pôr os teus ovinhos na praia. Estás deseiosa por esse dia, não é verdade? Também eu, minha filha. Mas estou preocupada. No dia em que viste a luz do dia....”

- “Mas eu nunca vi a luz do dia” - interrompeu a **Tartaruguinha**.

- “Já viste sim, já viste” - disse a Mãe levantando a cabeça que até aí estivera encolhida na cara rapaga.

- “Quando minha Mãe?” - perguntou a **Tartaruguinha** curiosa.

- “Quando nasceste. Saíste do teu ovinho e

12

vieste pela praia abaixo até à procura do mar. Mas uma **Fada** que andava a passar na praia correu para ti, pôs a mão dela na tua cabeça e disse:

- “As minhas boas vindas a esta ilustre descendente da família dos *quelóneos*.”

- “*Quelóneos*, Mãe? Que nome tão esquisitinho!”

- “Sim, minha filha, esta é a nossa raça. Somos da família dos *quelóneos*. Não podemos fugir a esta verdade.”

- “Mas eu não quero ser da família dos *quelóneos*”, choramingou a **Tartaruguinha**. E fez um beicinho como quem vai chorar.

- “Não sejas tonta, **Tartaruguinha**. Não podemos renegar aquilo que somos, aquilo que herdamos, pelo nome e pela família. É uma lei universal. Somos répteis *quelóneos*.”

A **Tartaruguinha** admirou-se da mãe conhecer palavras tão sonantes como *quelóneo*, *universo*.... Como era a outra! Já não se lembrava.

Deu uma deslizadela pela água, deixou uma nuvem de areia atrás de si e sumiu-se na gruta do **Camarão-zito-Côr-de-Rosa** quando sentiu duas grossas patias a puxarem-na para fora da gruta. Assustada atrou duas bolhas de ar pela boca e ten-

13

tou mordiscar quem a puxava assim desta maneira.  
Era a mãe **Tartaruga** segurando-a pela cabeça.

- “Então, não vês que eu estava a falar contigo? Simes-te só porque me viste distraída a roçar a carapaça pelas algas que estavam por cima de mim? Não sabes que as algas fazem bem à pele, isto é à carapaça?”

A **Tartaruginha** encolheu a cabecita, não fosse a mãe puxá-la de novo, pois ela não tinha orelhas como os coelhos ou os macacos das histórias que ela lhe contava.

- “Ouve, minha filha presta atenção. Como te ia a contar, quando nasceste a fada **Mirandolina** pôs a tua mão na tua cabeça e disse assim:

- “Vais crescer nestas águas e, durante a tua vida, por três vezes serás atacada. Se escapares à primeira, serás atacada segunda vez, alguns anos mais tarde. Se escapares à segunda, também serás atacada de novo. A terceira, só por muita sorte *escaparás*.”

A **Tartaruginha** não sabia o que queria dizer a palavra *escapar* e não se importou muito com isso.

14



## II

Passado algum tempo, a água tornou-se mais clara e morna, os raios do sol chegavam quase a rasar as areias movediças e os **Tartarugos** e as **Tartarugas** brincavam no fundo das grutas e roçavam-se pelas algas presas às rochas vulcânicas da ilha. E assim um certo dia a **Tartaruginha** pediu a benção à mãe, às tias e furou as águas em busca da superfície.

Quando chegou à praia, o sol, de brilhante, ofuscou-lhe a vista. Teve muito trabalho para encontrar o sítio onde pôr os ovos. Em terra deslocava-se com dificuldade. Não era como na água. Arrastou-se como pôde até encontrar um lugar seco e quente. Cavou, cavou e fez uma grande cova em cima da qual se sentou.

Estava cansada e deixou-se estar. Quando se recuperou da caminhada da praia, levantou-se e reparou com surpresa que o buraco estava cheio de ovos. Apressou-se a cobri-los puxando a areia com as patitas.

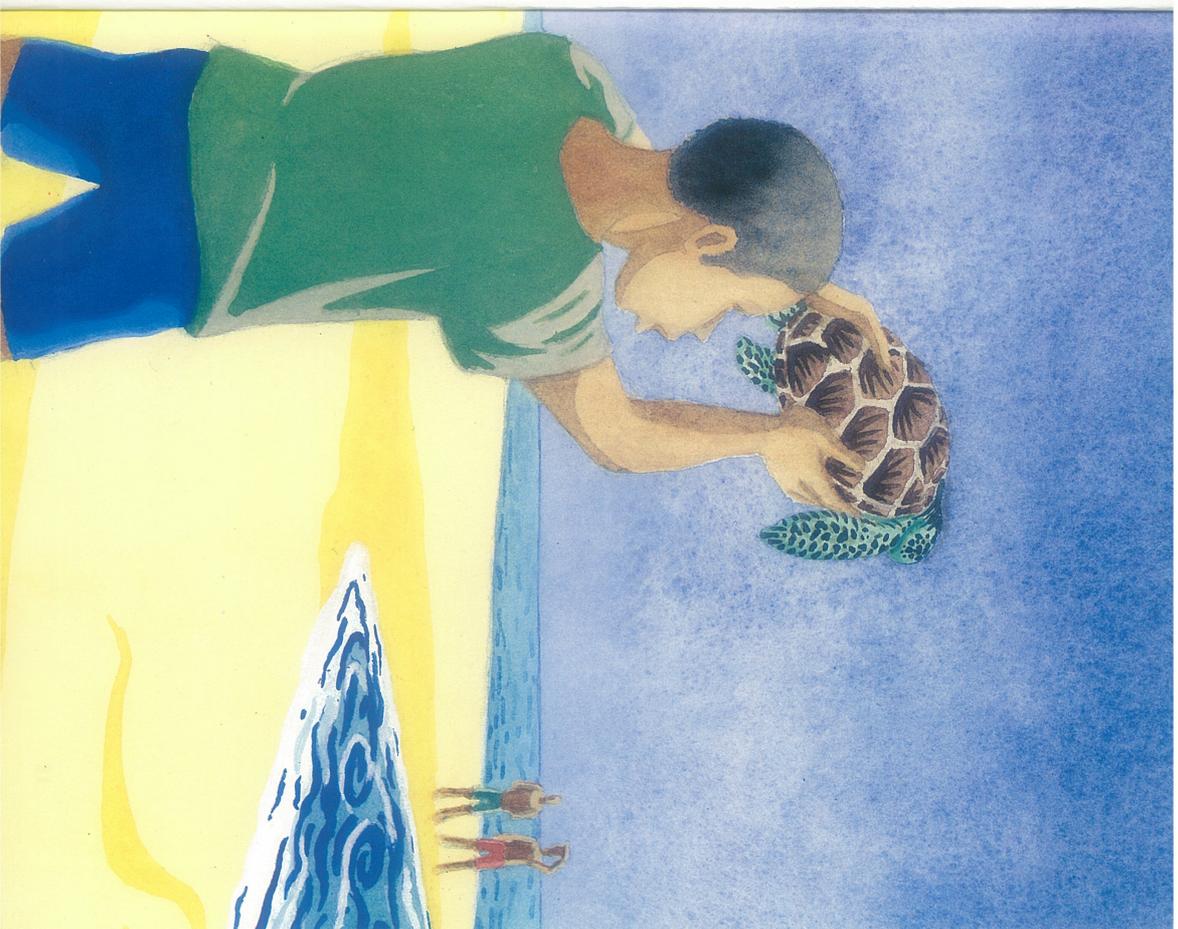
As companheiras já iam a caminho do mar, mas ela deixou-se estar, a admirar as bananeiras com cachos maduros de bananas, os coqueiros altos, tão altos que quase chegavam ao céu. E viu os montes, e viu as ribeiras a desembocarem no mar.

Nisto um **Rapazito** que andava na praia viu-a, correu para ela, agarrou-a com quanta força tinha e começou a gritar:

- “Oh! pai, anda depressa. Oh! pai, agarrei uma tartaruga. Vamos fazer bifes de tartaruga esta noite. Oh! pai, anda. Da carapaça vamos fazer brincos e pulseiras.”

A **Tartaruguinha** ao ouvir estas ameaças, assustou-se e ficou muito quietinha e encolhidinha e fingiu que estava morta. O **Rapazito**, então pô-la na areia e chamou outra vez pelo pai. A espuma de uma **Ondinha** espalhou-se pela praia e roçando pela **Tartaruguinha**, segredou-lhe:

- “Aproveita, foge agora, antes que seja tar-





de.”

A **Tartaruguinha**, sentindo de novo a **Ondinha** e a sua espuma roçando pelas suas patitas, ganhou coragem, respirou fundo e, em dois tempos, sumiu—se pelo mar dentro.

Quando chegou ao pé da Mãe, ainda resfolegava, mas nada lhe contou sobre a sua estranha aventura.

## III

Passados tempos, andava ela às voltas com o **Camarãozinho-Côr-de-Rosa** e estavam a fazer descobertas nas profundezas de uma gruta de ba-  
salto, quando se sentiu agarrada por fortes tentácu-  
los. Assustada, sem conseguir respirar bem, sentiu-  
-se arrastada para fora da gruta a uma velocidade  
de foguetão.

Um polvo enorme, gigantão, prendera-a entre os tentáculos e apertava-a. Nisto, o **Camarão-Côr-de-Rosa** pressentiu o perigo e foi, a saltar de rocha em rocha, avisar os amigos camarões.

Então eles vieram atrás do **Camarãozito-Côr-de-Rosa** que era bombeiro voluntário. Junta-ram-se e começaram a picar na cabeça do **Polvo**.

Também veio o **Caranguejo-Dois-à-Frente-e-Um Atrás**, que deu uma grande volta e ficou a ver como os camarões picavam com gana na cabeça do **Polvo**. Este sentiu as picadas e, com um dos tentáculos coçou a cabeça, afugentando, deste modo, os camarãozitos.

Mas não largou a **Tartaruguinha**.

Começou, entretanto a sentir um rico cheirinho a **Caranguejo**. E, como os polvos adoram caranguejos, atriou a **Tartaruguinha** para fora das ondas e, num repente, caçou o **Caranguejo** e engoliu-o.

Uma **Águia** que poisara no alto de uma falésia, ao ver a tartaruga no ar, fez um voo picado e prendeu-a com as garras e levou-a para dentro das nuvens. As nuvens, admiradas, convidaram a **Águia** a descansar nas cadeiras fofinhas, nas almofadas fofinhas ou nos colchões fofinhos. A **Águia** nem respondeu e voou, voou, tanto voou que, cansada, descuridou-se e deixou cair a tartaruga.

Sem paraquedas, a **Tartaruguinha** veio a re-

24

bolar-se pelos ares fora e, em dado momento, caiu de costas e bateu com a carapaça na cabeça de um homem calvo e de barbas brancas.

Rebolou ainda para a areia húmida, foi-se arastando como pôde e subiu para cima de uma enorme pedra negra que se encontrava a poucos metros da praia, batida pelas ondas que nesse dia andavam arrebitadas e implicavam umas com as outras.

A pancada tinha sido violenta. O homem calvo e de barbas de neve, levou as mãos à cabeça e caiu de bruços sobre a areia branca da praia.

De cima da pedra, a **Tartaruguinha** viu gente a descer das montanhas e a correr para a praia. <sup>Levaram</sup> <sup>o</sup> <sup>seu</sup> <sup>pes</sup> <sup>e</sup> <sup>vestes</sup> <sup>brancas</sup>. Não saberia dizer se eram homens ou mulheres pois nunca vira pessoas vestidas assim. Rodearam o homem das barbas brancas e choraram:

- “O grande **Ésquilo** morreu! Matou-o a tartaruga caída do bico da **Águia**. O grande **Ésquilo** morreu!”

Uma outra figura de branco apontou o dedo para o homem calvo e disse:

- “Morreu o nosso maior tragediógrafo. Te-

25

mos de avisar os *corifeus*. *mas não se lembra*

A **Tartaruguinha** que trazia a agenda num cantinho da carapaça, puxou-a com cuidado e escreveu *tragediógrafo, corifeu*. Guardou-a para depois perguntar à mãe o significado destes vocábulos que nunca ouvira antes.

Levantou a cabecita e cheirou o ar. Parecia tão leve, sentiu-se no Paraíso. De tão puro o ar dava uma moleza tão boa pelo corpo, pelas patas e até a carapaça parecia dar estalinhos.

Levaram o homem das barbas deitado numa *lona alva e rija*. As montanhas calcáreas, áridas e secas, tornaram-se verdes e húmidas. Choravam pelo seu senhor.

#### IV

A **Tartaruguinha** reparou então que aquela não era a sua praia e começou a chorar.

A **Pedra** onde até então estivera empoeirada, falou:

- “Não chores, **Tartaruguinha**. Andaste para trás no tempo. Estamos no ano 456 A.C. Mas não te apouquentes que eu vou levar-te ao século XX de onde vieste. Quando lá chegarmos, vais respirar de novo os gases dos escapes dos automóveis.”

- “Mas eu vou viver no fundo do mar” respondeu alegre a **Tartaruguinha**.

- “É verdade”, disse a **Pedra**. “Mas terás de fugir das águas poluídas pelos petroleiros, pelos esgotos e pelos detergentes”.

A **Pedra** não era a **Baleia**, mas a **Baleia** dos mares do Norte. Dito isto, a **Baleia** cortou a água e sumiu-se no horizonte, levando a **Tartaruguinha** a cavalo no seu dorso. Estava admirada porque a mãe contava-lhe estórias e dissera-lhe uma vez que a **Baleia** era um mamífero do Norte.

A **Baleia** adivinhou-lhe o pensamento e disse-lhe:

- “Não te admires, **Tartaruguinha**, tiveste sorte, pois tenho estado a veranear no mar Egeu. Já ia de volta para casa no Norte quando te vi a cair do bico da **Águia**. Tenho quase mil anos e todos os seis meses vou de férias algures. Dorme anda.”

Adormeceu e, quando despertou, a água do mar fustigava-lhe a carapaça, a cabecita dorida, o corpo maçado.

Mergulhou na água, foi açoitada pelo **Tubarão Manganão**, atravessou planícies de areia branca, trepou cordilheiras de conchas vermelhas e amarelas.

Por mais que nadasse não encontrava nem a mãe nem as tias, nem o **Camarão-zito-Côr-de-Rosa**, nem a gruta de basalto, triangular e fresca.

Pôs-se a chorar outra vez e agarrou uma folha



de alga, verde e macia e com ela limpou o nariz. Fungou duas vezes.

Um **Linguado** castanho, de barriga como geleia, aproximou-se dela e perguntou—lhe:

- “Porque choras, **Tartaruguinha?**”

E ela respondeu:

- “Ando à procura da minha família, dos meus amigos e da minha casa, mas não os encontro.”

- “E onde era a tua casa?” - perguntou o **Linguado**.

A **Tartaruguinha** teve vontade de rir porque o **Linguado** tinha a boca de um só lado da cara e parecia que estava a fazer caretas quando falava.

- “Porque te ris?” - disse o **Linguado**, desconfiado.

- “Não é nada”, disse ela. “Olha, eu moro, ou melhor morava na Ilha Verde onde o mar é tão morno como este.”

- “Ah!” - respondeu o **Linguado** - “aquí também as ilhas são verdes. Estás no Haiti.”

A **Tartaruguinha** já não tinha mais lágrimas para chorar e resolveu enfrentar a situação. E disse:

- “Então o que faço eu?”  
 - “Olha” respondeu o amigo **Linguado** “o melhor é escreveres um bilhete. Metes nesta garrafa que as há, e muitas, na adega da gruta do fundo. O mar a levará.”

- “E depois?”  
 - “E depois, ficas como eu. Na situação de *imigrante*.”

- “Não me expliques mais. Na minha ilha digo, nas minhas águas, há também *emigrantes*.”

- “Bem, bem” aconselhou professoralmente o **Linguado**, “não confundas *emigrante* com *imigrante*. Eu depois te explico. Por agora tenho de me ir, pois a sopinha espera-me em casa”

A **Tartaruginha** puxou da agenda e escreveu: *emigrante* e *imigrante* ..... perguntar à mãe.

Depois numa folha, grande e lisa, de alga tropical e com um pouco de tinta que a **Lula-Caçula** lhe emprestou, escreveu ainda:

### Mãe

Cheguei ao Haiti depois de recuar uns milénios no tempo. Recuei até 456 A.C. Conheci Ésquilo, um *tragédiaógrafo* de barbas brancas, numa situação nada agradável.



Ele era semelhante aquelas esculturas em mármore que jazem no fundo das grutas de basalto da nossa ilha. As viagens aéreas são estupendas, só a minha aterragem é que foi um pouco violenta.

**D. Águia** é um bom piloto, mas um pouco distraída.

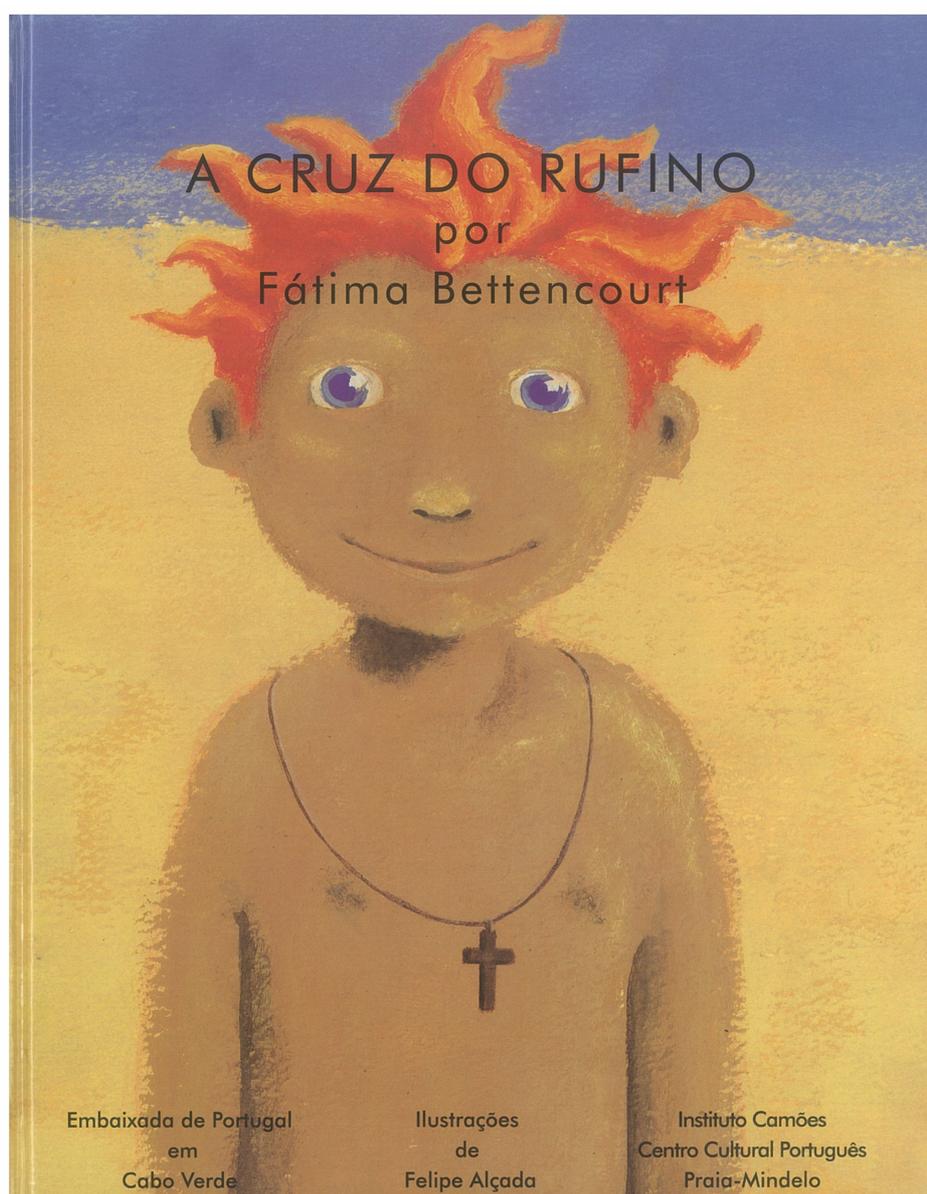
Beijinhos

**Tartaruginha**

**D. Lula-Cacúla** trouxe-lhe a garrafa, a **Tartaruginha** meteu nela o bilhete, rolhou-a, empurrou-a para a superfície e deixou-a à deriva. Parece que foi ter à Ilha Verde.

E depois?

E depois, o resto conto logo.



A CRUZ DO RUFINO

por

Fátima Bettencourt



Ilustrações de Felipe Alçada

Embaixada de Portugal  
em Cabo Verde  
Centro Cultural Português  
Praia-Mindelo

## Pequenos e queridos leitores

Acho que vos devo uma explicação se bem que eu própria não saiba muito bem como aconteceu esta estória chamada **A Cruz do Rufino**.

Sei apenas que escrevo há alguns anos e pela primeira vez a pena fugiu-me para o conto infantil.

Tudo se passou da forma mais natural, como uma brincadeira entre mãe e filha, aliás, descobri que é assim que nascem muitas histórias infantis.

A minha filha mais nova chegou um dia da escola no maior alvoroço brandindo um jornal com o anúncio de um concurso de textos lançado pela Embaixada de Portugal e inserido nas comemorações do dia 10 de Junho, Dia de Camões, de Portugal e das Comunidades. Respondi-lhe com um olhar desatento, mas ela insistiu que o prémio era uma viagem a Portugal e um encontro entre adolescentes de todos os cantos do mundo. Aí prestei mais atenção e perguntei-lhe porque não concorria.

"Como?" - respondeu ela com outra pergunta - "se não sei nada daquela terra?"

"Oh! é facilímo!" - disse-lhe eu - "pega no mar, numa cruz e numa caravela e terás todos os ingredientes para uma história que emocionará os portugueses."

Más a minha filha já partia disparada para uma aula de ginástica deixando-me ali sózinha, pensativa, com o mar, a caravela e... **A Cruz do Rufino** que nasceu ali mesmo.

Para os meninos caboverdianos que não estudam História de Portugal, pode ser difícil entender o que vão ler, mas com certeza vão ficar curiosos e dessa curiosidade nascerão perguntas a que os vossos pais e professores responderão. Aí então ficarão a conhecer melhor o povo que achou e povoou estas Ilhas onde vivemos, "de pão escasso e nuvens raras", o Arquipélago de Cabo Verde.

Com muita amizade  
Fátima Bettencourt

## A CRUZ DO RUFINO

Rufino perdera a Mãe quase ao nascer. Dela só guardava uma vaga recordação e um crucifixo de madeira negra, sem Cristo e suspenso do pescoco por uma tira de pele. Por nada deste mundo Rufino se separava dessa recordação, pois convencera-se de que o objecto lhe dava sorte.

Pai, nunca conhecera. O povo da Ilha dizia que fora um marujo loiro que passara pelo porto e morrera numa briga no Lombo. Eram histórias que ninguém conseguia confirmar, pois sempre apareciam outras versões da sua paternidade. De qualquer modo, de algum lugar teriam vindo aqueles olhos azuis e o cabelo avermelhado.

A imagem vaga e nebulosa da mãe, que de vez em quando lhe aparecia, era a de uma mulata de grossas tranças e mesmo essa imagem fora criada pelas descrições das pessoas que haviam conhecido Djódja. Mano

Léla, então, não parava de falar da Djódja, moça bonita que ele bem conhecera e de quem gostara muito, infelizmente sem ser correspondido. Djódja fora muito preferida e certamente não iria escolher aquele pescador que de seu, só tinha o bote remendado, a Praia de Bote e o manto da noite. Adoptara Rufino, que andava abandonado, mais como uma forma de continuar a amar a esquecida Djódja.

Mano Léla sentia o peso da responsabilidade das duas barrigas para sustentar: a dele e a do Rufino, que também criava na Praia de Bote e era o menino de todos os pescadores. Quando Mano Léla ia para o mar, Gregório ou Djosa tomavam conta do Rufino, velhos e curtidos homens do mar transformados em terras mães que davam de comer e contavam histórias para o menino adormecer.

Mas um dia, por uma distração incrível, todos partiram para a pesca e Rufino ficou a dormir dentro de um bote amarrado a um dos coqueiros da praia. Acordado pelo sol que lhe batia no rosto, percebeu que estava sozinho e na sua frente se estendia a Baía do Porto Grande, o mar sereno como um lago e ao longe, no Monte Cara, uma bola de fogo.

- Que bonito! Nunca vi nada assim! E tem alguma coisa ali que me está a acenar. O que será? Vou ver.

E Rufino entrou pelo mar calmo e sereno da Baía e foi andando, andando até que não viu mais a bola alaranjada. Ele, que nunca tivera uma bola em toda a sua vida, queria tanto aquela...

Olhou à sua volta meio desencantado e misto ouviu uma voz que o chamava baixinho:

- Rufiiiiino! Rufiiiiino!

Virou a cabeça e viu-a sobre as águas, os longos cabelos, os seios nus e redondos, a longa cauda de peixe coberta de escamas prateadas. Perplexo, perguntou:

- Quem és tu?

- Sou a Sereia, a rainha destes mares. Ven comigo, vem.

Rufino achou-a tão linda e sedutora, deu-lhe a mão e partiram mar fora.

Andaram muito sobre as ondas, encontraram mil peixes, baleias e tubarões, cavalos marinhos, conchas e búzios de estranhos feitios, mas de repente o céu escureceu. Era uma tempestade. Chuva, relâmpagos e ondas encapeladas rugindo bravias.

Rufino aconchegou-se nos braços da sereia e ela logo começou a cantar uma bonita canção, tão bonita que Rufino ficou maravilhado:

- Porque estás a cantar no meio de um temporal destes?

- É para acalmar as ondas. Elas me ouvem.

- Então, se te ouvem, quer dizer que deves saber por que estão zangadas.

- Claro que sei. São uns estranhos que chegaram aqui sem avisar. Mas desta vez creio que se trata de uns estranhos especiais. Vamos ver.

E entrando pelo nevoeiro adentro, viram um barco a lutar contra a fúria das ondas. Madeiras, cordas e velas rangiam, resistiam bravamente. Então a sereia, com a sua voz de encanto que se ouvia em qualquer ponto do oceano, falou:

- Quem está a bordo?

Um marinheiro apareceu agarrado a um corda, perscrutou a bruma e respondeu:

- Sou Diogo Gomes mais os meus homens. Apanhámos uma tempestade nunca vista e estamos sem água nem comida. Estamos desesperados. Não sei que contas prestar ao Rei de Portugal.

E a sereia, amável:

- Ah! Vocês são portugueses! Então não são estranhos, são amigos. Sejam bem-vindos ao meu reino.

E voltando-se para Rufino:

- Mostra o caminho ao amigo Diogo.

Rufino, perplexo, ficou por uns instantes atropalhado, mas nisto lembrou-se da pequena cruz que trazia ao pescoço e que sempre lhe valera nas suas aflições, pegou nela e estendeu o bracinho para o alto, dizendo:

- Diogo, segue esta cruz que ela nunca falha.

E lá foram, mar fora, direitinhos como se numa estrada estivessem, até chegar a uma baía de águas mansas, azuis e transparentes e logo pisaram as areias quentes da praia cheia de coqueiros de onde pendiam muitos cocos que ali mesmo mataram a sede aos náufragos.

- Acorda, acorda, menino. Ainda estás a dormir?

Era a voz do Mano Léla que, ao voltar da pescaria, tarde de noite, se dá conta que Rufino nem sequer comera o arenque frito que deixara para ele na marmita.

Rufino acorda, estremunhado, esfrega os olhos e olha para Mano Léla à luz duma lamparina de petróleo amparada do vento por uma lata velha.

E começa a falar dumas coisas que para o velho pescador não faziam o menor sentido:

- Onde está a minha amiga Sereia?

- E os navegadores que apanharam o temporal?

Mano Léla não entende nada e, colocando-lhe a mão na cabeça num gesto repassado de ternura, diz-lhe:

- Sabes, Rufino, acho que apanhaste muito sol que não te fez bem.

Estás a *falar só paracisma*.

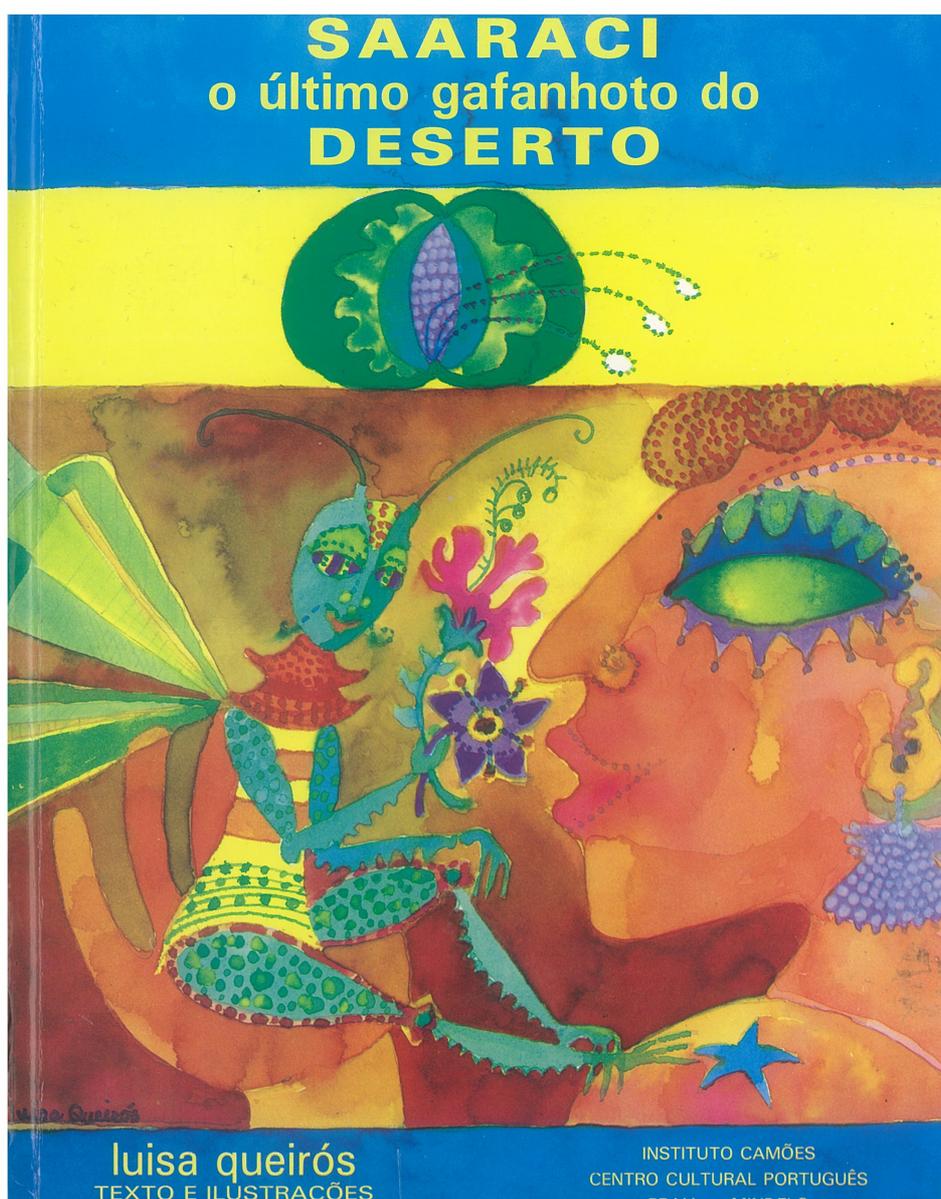
Abraça o garotinho e agasalha-o do sereno da noite com o seu velho casaco de malha grossa e vai contando:

- Rufino, hoje por um pouco ficavas sem o teu Mano Léla. Eu mais Gregório e Djosa apanhámos um temporal para lá do Ilhéu como nunca

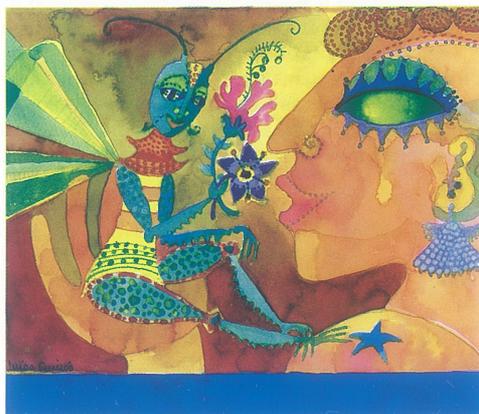
vi na minha vida. Um tempo escuro, chuva, vento, relâmpago... E aconteceu uma coisa muito estranha. Pareceu-me ouvir a voz da Djódja a dizer-me: "Toma conta do Rufino! Cuida dele como se fosse teu filho!" Fiquei tão impressionado e, pior, foi que Gregório e Djosa não ouviram nada. Não sei como, aquele temporal, assim como apareceu, desapareceu também e voltamos para terra.

Interrompeu o que estava contando, porque o corpinho pesado e a res-piração regular do Rufino fizeram-no sentir que ele já tinha pegado no sono de novo. Olhou para ele com muito carinho e viu que entre os seus dedinhos segurava a cruz de madeira que fora da mãe.





**SAARACI**  
o último gafanhoto do  
**DESERTO**



**texto e ilustrações**  
**LUIA QUEIRÓS**

**INSTITUTO CAMÓES**  
**CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS**  
**PRAIA – MINDELO**

Passei toda a manhã com **Matilde**, uma velha amiga tartaruga, de belos olhos de mulher, que costuma, tal como eu, visitar a Grã-Praia.

Rimos e brincámos nas águas transparentes mas agitadas e depois descansámos na fresca gruta dos Cinco Pingos de Ouro.

Deu-me notícias e «mantenhas» dos amigos **Axir, Artis e Némis**, que vivem na cidade submersa do mar das ilhas e especialmente, recordámos com saudade uma estranha aventura que há anos nos aconteceu, tendo Matilde, mais uma vez, pedido insistentemente que escrevesse a história...

Desta vez convenceu-me e portanto dedico este conto

à Tartaruga **Matilde Sofia**

e a todas as crianças sem qualquer idade

## Saaraci

Há muitos anos, o norte de África foi invadido por uma praga de gafanhotos, que tudo devorava!

Os Povos não tinham memória de ter assistido a calamidade semelhante e a perseguição que lhes moveram foi terrível.

Helicópteros espalhando insecticidas, ratoeiras, pauladas e até bandos de patos e galinhas, foram usados!

Do ponto de vista humano, tudo faziam pela sobrevivência!

Do ponto de vista dos gafanhotos, tudo faziam pela sobrevivência! Realmente, que mal teriam feito?

Limitaram-se a nascer e a crescer aos milhares. A comerem o que precisavam para viver. A amarem e a terem muitos filhinhos e a serem muito, muito felizes!

Não é assim que terminam as histórias dos homens?

Esta era a opinião de um gafanhoto pintado de belos tons de verde, laranja e amarelo e olhos negros luzindo no rosto magro de poeta.

Saaraci era o seu nome e vi-o pela primeira vez quando se escondia num engelhado fruto de bombardeira, nas areias da Ribeira Longe.

Bastante alto, muito maior do que os naturais da ilha há muito desaparecidos, só me deu a sua confiança ao fim de bastante tempo de namoro.

Foi num dos meus passeios pelas dunas intermináveis, admirando e desenhando as bombardeiras, essas plantas selvagens que sobrevivem nos mini-oásis da ilha, carregadas de cachos de flores lilazes e de bolas-frutas que escondem as sementes prateadas, que o descobri.

Fiquei muito admirada, pois há muitos anos que tais insectos não se viam. Naquele dia, por prudência não tentei maior aproximação.

Voltei nos dias seguintes, espreitando-o disfarçadamente, deixando-lhe pequenas ofertas no fruto-esconderijo, desenhando-o e acariciando-o de longe.

Uma tarde, deitada na areia quente, assistia às transformações das nuvens e inventava com essas imagens, dramas e comédias para me divertir,

quando de repente pousou no meu bloco de desenho o belo gafanhoto!  
Apesar de tão desejada, a sua aparição deixou-me espartada, pois ele co-  
meçou a falar! Juntava os sons a gestos registados.

Nos pedaços de argila vermelha, que debaixo das plantas formam pla-  
cas de terra gretada pela sede, começou, tal como um escriba, a fazer símbolos.

Numa voz fininha explicava-me o significado de cada desenho e a pouco  
e pouco fui decifrando a sua história.

Durante vários dias, as cenas repetiam-se. Eu gravava o que dizia e foto-  
grafava as placas.

Foi uma experiência fascinante e ainda guardo religiosamente as provas des-  
sa vivência única.

Afirmou-me ser o único sobrevivente da aventura que vou contar, mas eu  
tinha a certeza de que não estava só.

Devia ter o seu clã bem protegido, lá para o Monte do Silêncio, pois  
mais do que uma vez, vi-o transportando as sementes dos panachos prata-  
dos, rumando para a alta montanha.

Também terminada a sua narrativa, foi-se afastando de mim. Depois de  
tanta prova de amizade, foi cortando maiores intimidades. E eu compreendia  
essa atitude. Ele defendia o futuro dos seus companheiros, envolvendo os  
factos num véu misterioso.

Por fim, já só o pressentia pela música que de longe tocava: — sons  
finos de flauta, intercalados com suaves percussões — pulsações cadencia-  
das dum coração amigo que se despede magoado.

Mas vejamos o que ele contou.

#### Saaraci:

— Chamou-me **Saaraci**, nasci na Líbia perto de Tazirbô e vivi feliz com  
os meus familiares e vizinhos até que um dia os homens decidiram extermi-  
nar-nos.

Numa fuga precipitada, tivemos que atravessar o Saará e só parámos  
quando a Terra acabou e à nossa frente apareceu uma coisa nova, medonha,  
interrimável e estéril — o Mar!

Para trás ficavam as cidades e campos dos homens... a perseguição e  
morte.

Para a frente... a morte de novo naquele azul desconhecido?  
E porque não a vida no verde sonhado?!

E venceu a ousadia.

Uma nuvem levantou voo, escondeu o Sol por alguns momentos, deu

cinco voltas no espaço despedindo-se do Velho Mundo e finalmente lançou-se  
na estrada da fantasia.

Primeiro planámos aproveitando os ventos de Leste, unindo as asas, trans-  
parências sobrepostas. Mas quando os ventos se tornaram desfavoráveis, mu-  
tos não aguentaram e foram caindo ao mar, afogando-se, mas continuando com  
seus corpos entrelaçados.

Tinhamos pensado que no meio do deserto azul, algum oásis havia de exis-  
tir para nossa salvação, mas infelizmente nada aparecia no horizonte e o deses-  
pero crescia dentro de nós, desalentando-nos.

Foi então que tive uma ideia. No mar, enormes manchas flutuavam; eram  
os companheiros mortos que juntos navegavam, transportados pelas corren-  
tes. Porque não aproveitar essas jangadas e deixarmo-nos levar pela mão do  
destino?

E foi esta a mensegem que transmiti de grupo em grupo. Todos concorda-  
ram e descemos repousando nessas ilhas salvadoras e após muitas peripécias,  
chegámos finalmente à Terra Prometida, a ilha do Gigante adormecido, esta mes-  
mo em que vivo!

E foi assim que **Saaraci** terminou o seu relato, ocultando de propósito por-  
menores. Já tinha arriscado muito, dando-se a conhecer e oferecendo-me a sua  
estima.

Claro que eu tinha vontade de saber muito mais. Que coisas extraordiná-  
rias tinham acontecido durante a longa viagem? Onde viviam escondidos?

Mas tinha que respeitar a sua atitude.

Em sua memória construí uma escultura que se move com o sopro dos  
ventos.

É feita de redes transparentes como as mais lindas asas, de mar e areia,  
de azuis, amarelos e verdes, de madeiras cheirosas e conchas translúcidas.

Enquanto vai rodando toca uma música suave e repetitiva.

Coloquei-a no meio do meu jardim, rodeada de plantas exóticas da cidade  
submersa, que Matilde me vai oferecendo.

Mas o conto não termina assim.

Passou muito tempo e quase esquecera o pequeno amigo. Também mudei  
o rumo dos meus passeios e usei subir o Monte Verde. Dizem as velhas mu-  
lheres que esta montanha esconde uma estranha maravilha. É toda água por  
dentro! E é vulgar escutarem-se ruídos de grandes vagas circulando nas suas  
entranhas! Ai de alguém que ouse perturbar as rochas! Toda a ilha ficaria inundada!

Foi assim, que com muito respeito, percorri grutas e corredores iluminados por estranhas clarabóias e ouvi de facto, soluços de águas invisíveis.

De repente desembarquei numa plataforma ao ar livre. Para se passar para o monte fronteiro, tinha que se atravessar uma frágil ponte de troncos de acácia rubra ligados por trepadeiras. Lá muito em baixo, negros abismos de basalto convidavam a derradeiros saltos, ambicionadas libertações... mas eu não estava ainda preparada para voar e rapidamente atravessei a ponte e por caminhos tortuosos fui subindo até que novas e diferentes grutas surgiram.

A terceira que visitei era muito especial. Uma luz lilaz rodopiava no cimo do tecto cónico e jardins suspensos semeavam as paredes. Se não tivesse trepado tanto pelas encostas rochosas, podia pensar que tinha chegado a alguma bela casa da cidade de cristal, no fundo do Oceano. E até havia um monte de areia bem fofo, convidando ao descanso e foi o que fiz, entoquei-me e adormeci.

Quando acordei, o meu relógio marcava a noite, mas o recinto continuava iluminado. A minha volta, dispostas em filas, estava uma grande quantidade de plaquinhas de argila, parecidas com as que eu fotografara em tempos, mas bem acabadas, resistentes e muito bem desenhadas.

Como por magia, um, dois, três... apareceu **Saraci**.

Se fosse maior tê-lo-ia abraçado e beijado, mas assim tão frágil, que fazer senão deixá-lo acomodar-se na minha mão, trazê-lo bem perto do meu rosto, para olhos nos olhos nos dizermos como era maravilhoso o reencontro.

Fez-me saber como também fora para ele dolorosa a nossa separação, que me seguira de longe, em segredo, e como agora se apavorara ao sentir que alguém tinha invadido os seus domínios, mas também quanta alegria ao reconhecer-me.

Enquanto eu dormia tinha preparado, para me agradecer e surpreender a exposição das suas gravuras, agora sim, com todas as «peripécias» da sua aventura.

Durante um espaço de tempo infinito, ficámos sem sono, sem fome ou sede, matando saudades.

Agora eu sabia tudo, tim-tim por tim-tim e estava encantada.

Então levou-me a visitar o seu «país», o seu povo, segredos e mistérios escancarados!

Em socacos rochosos, bem protegidos dos ventos ou calores tórridos estavam as suas casas. Pareciam pequenas cubatas, redondas, de tectos lin-

8

dos e feitas com a mistura de argila vermelha e as fibras dos penachos das sementes de bombardiera.

— «Quem vos ensinou tão interessante arquitectura?» perguntei

— «Foram as vespas solitárias, parentes das abelhas que também costumam usar esses mesmos materiais para a construção dos seus ninhos» respondeu-me **Saraci**, contente com a minha admiração.

Tinham-se tornado camponeses áridos. Cultivavam hortas e jardins bem distancados. Vi pequenos campos de alpista, soja, sorgo ou «midginha», cevada e outros cereais.

— «Como conseguiram sementes de plantas tão variadas?»

**Saraci** riu-se, recordando como nos primeiros tempos da sua chegada à ilha, se viram obrigados, durante a noite a «visitar» gaiolas de passarinhos citadinos, piquitos, papagaios, etc. e a roubarem as apetitosas sementes, quando não lhes queriam dar de bom grado!

Uma parte serviu-lhes de alimento e a outra foi sendo semeada e quando tudo verdejou e deu flores e frutos, nunca mais voltaram à cidade.

— E água, como regam todos esses campos? Será das fontes ocultas do monte?

— Que não! Que Deus os livrasse de desafiar tal feitico!

E foi-me mostrar as «engenhocas» construídas em várias gargantas dos rochedos, autênticos corredores por onde constantemente passam nuvens, carregadas de milhares de gotinhas de água.

Quem dirige os trabalhos, era nada mais, nada menos do que **Aracné**, a amiga aranha que foi minha primeira mestra de tecelagem! Fez-me uma grande festa, embora admirada com a minha presença naquele local. Estava tecendo, com os seus resistentes fios de baba, redes de tamanho e formatos diferentes. Umhas com grandes espaços entre as urdiduras e tramas, outras de malhas muito apertadas. Os gafanhotos mais jovens ajudavam-na a prender essas telas paralelas, tapando desse modo os corredores. As nuvens atravessavam as redes e iam depositando as gotas que, juntando-se, engordavam e rapidamente escorriam para tanques escondidos no interior das grutas.

**Saraci** feliz com os meus elogios, fez grandes piruetas diante de **Aracné**, a hábil engenheira. Estava encantada com tudo o que via e com a companhia tão cordial dos pequenos insectos, a sua morabeza e criatividade!

Mas tinha que voltar, regressar ao mundo dos homens, que na maioria perderam a poesia e esqueceram o amor.

Voltámos à sala da luz perpétua. Vieram todos despedir-se. Velhos he-

9

róis das travessias dos desertos, tornados eternos pelos deuses protectores e as novas gerações já nascidas na ilha sonhada.

Sentei-me de novo no meio e fizera um semi-círculo à minha volta. Não faltavam nem **Araenê**, nem as vespas solitárias e até formigas solidárias também compareceram.

No ar, de novo a presença da música, mistura dos gorgolejos das águas com os suspiros dos ventos, acompanhada pelos sons das flautas de bimbirim, que os gafanhotos tocavam.

O meu coração dividia-se ao meio. Ter de partir, querendo ficar!

Trouxeram-me água fresca perfumada com hortelã e bolinhos de soja com alecrim. Ofereceram-me as preciosas placas com toda a sua história e recordações gravadas!

Animaram-me. — Que nos veríamos de novo, que a nossa amizade seria eterna...

Retornei então o caminho de casa. Senti que todos me seguiam, passei a frágil ponte e depois fiquei do outro lado imóvel, de costas viradas e olhos fechados de comoção!

Ouvi um enorme estrondo e então virei-me. A ponte, os troncos da acácia rubra e trepadeira, voavam no abismo e até as rochas pareciam mais afastadas.

Impossível o retorno. Todos se tinham retirado, menos **Saaraci** que me acenava com um raminho de buganvília.

Defendam-se amigos!

Protejam o vosso pequeno Paraíso!

Vamos então finalmente conhecer alguns episódios da grande viagem. Por uma questão de equilíbrio, escolhi quatro placas, duas com histórias do deserto e as restantes narrando as aventuras do mar.

Para matar saudades, é a voz cantante de **Saaraci** que nos vai contar tudo.



